

Novos Trabalhos
Novos Danos

Vergílio Alberto Vieira
Novos Trabalhos Novos Danos
Capa | Athena, a Melancólica. 450 a.C.
Fotografia do autor | Rui Sousa
© Crescente Branco | 2021
Rua Prof. Machado Vilela, 110 - 9.º Braga
Técnico Gráfico | César Antunes
Execução Gráfica | Grificamares, Lda.
Depósito Legal | 475907/20
ISBN | 978-989-54929-4-7

Vergílio Alberto Vieira

NOVOS TRABALHOS
NOVOS DANOS

Obra Poética
VOL. 1

Prólogo

Cristina Robalo Cordeiro
Universidade de Coimbra





Aos meus netos
António Pedro Vieira da Silva e Manuel Pedro Vieira da Silva,
antes de poderem saber que, pelo amor que tiverem,
será deles *o entendimento dos meus versos*.

*A idade do fogo. Prontuário do corpo
A paixão das armas. Os sinais da terra. Fulgurações
Pedra de transe. A adivinhação pela água
As sequências de Pégaso. O caminho da serpente
A imposição das mãos. Cidade irreal e outros poemas
O voo da serpente. Coágulos. Crescente branco.
Papéis de fumar. Arte de perder. Melancholia perennis
Sombras de reis mendigos. Amante de um só dia
Ardente a cegueira. O ilusório ponto do geómetra
Todo o trabalho toda a pena. O inventor de rios
Halo y tangência. Cleptopsydra. Ex Po Ex
Não vos torne a noite escura. Integrais
O templo em forma de montanha
Caput mortuum*

Prólogo

O que congrega o próprio tempo, escandido em três dimensões que o totalizam? Com elas quero apresentar a obra poética de Vergílio Alberto Vieira, atrevendo-me a designá-las – numa espécie de jogo – como uma trilogia de apenas prefixos: *RE*, *PRO* e *TRANS*.

Na categoria do *RE*, cabe o movimento de um olhar que se vira para trás ou para dentro de si mesmo. Um olhar que recapitula, que percorre referências, reminiscências, convocando memórias que apenas a ele pertencem ou que estão no intertexto da cultura e da literatura no seu e no nosso museu imaginário, na sua e na nossa biblioteca escolhida. De facto, o poeta convida-nos a visitar imagens e fantasmas, coisas e lugares, e a entrar na memória que o habita como se fossemos nós a guiá-lo a ele próprio no regresso a casa, a uma espécie de mito pessoal reencontrado. Recolecção e reflexividade são assim como uma busca permanente da substância vital que é a sua, feita de figuras e de emoções guardadas. E é nas dobras do passado que este instante do tempo se reconverte no poema que o restitui, intacto e já outro. E não é este também o sentido de uma reedição, que renova o que não se quer perder, o que, sendo pretérito, pertence à eternidade?

Na categoria do *PRO* se instala a proversão de uma poesia como devir, futuro do homem e da linguagem, de uma palavra em construção. O lirismo, a energia criadora, a aventura da forma inovadora que empurra para a frente o sujeito poético, **pro**jecta e **prop**ulsa a sua voz como promessa de vida: aqui, parece estarmos perante momentos poéticos soltos (como se diz das folhas avulsas), quase distintos ou separados do indivíduo. Daí a facilidade com que, também aqui, o leitor se identifica com os instantes, que pertencem, mais uma vez a todos e a ninguém, a ninguém e a todos. Depressa compreendemos então o preço e o peso das palavras: e a aparente facilidade da poesia contemporânea (feita de raras palavras na página em branco e nenhum constrangimento formal a não ser a extrema brevidade) prende-se com a *prospecção* do verdadeiro poeta fascinado pela **pro**cura de uma forma, de um ritmo, de uma sonoridade que, em breves linhas desiguais e livres, numa quase ausência de matéria, se faz trabalho sobre o branco e o silêncio, contra, com e para o branco e o silêncio.

Na categoria do *TRANS* inscreve Vergílio Alberto Vieira todo o enigma, o segredo e a obscuridade luminosa da escrita poética. À violência que a **trans**-gressão comporta no risco de dizer o desejo, a falta, o sangue e a origem de um pecado que o poeta carrega em nome do homem, se vem aqui acrescentar

uma espécie de **translucidez** que deixa ver para lá da opacidade do mundo e das coisas que o povoam, como uma adivinhação do que se esconde e se dá a conhecer apenas a eleitos. Há sem dúvida um sentido de metamorfose nesta poesia, uma **transmutação** da palavra – tu m’as donné ta boue... et ai fait de l’or! – que é também uma **transmigração** do próprio sujeito poético, transmutado em ser que passa para além do desconhecido e da morte. A **transcendência**, como via de acesso ao divino, é agora o oposto da imanência de uma matéria que a conjunção apenas de consoantes e das vogais da nossa língua produz, se por detrás dela não estiver o sopro de um sujeito metafísico que as **transforma** em metáforas vibrantes e encantatórias.

E esta tripla aventura atinge o auge da intensidade no apelo lançado ao outro, à consciência – inteligência e sensibilidade – do leitor. Sem esta segunda “instância” – que somos nós – o poema permaneceria letra morta, mais do que qualquer outro texto, pois que, sendo ele próprio uma fenomenologia do mistério, é sempre um desafio à comunicação: em mim, pelo menos, encontrou ele uma alma suficientemente atenta, próxima, fraterna, para dele receber apenas e tão simplesmente o dom de uma posição no tempo – reposição, proposição e transposição – que não deixa de ser evocação dos elementos – ar, água, fogo e terra – como poética da matéria.

A IDADE DO FOGO

1

Já perto da boca
ardem as arcas

e ainda o sigilo de fogo
mal do corpo

ágil se despede quem
assim lentamente

desarma o coração

2

Pelos vestígios da hera
retomo a luz

da criação o nome
apenas chamo

para soltar a terra

onde o canto aves
anuncia

3

(Camões)

Manda-me então o amor
que do Tâmega cante

os verdes campos

manda-me o amor
manda-me a vida

que ao trevo confie
o doce canto

sofrido engano
que o amor

negou

4

Ao início da noite
ainda a terra

prende o corpo
à luz que o

cansou

5

De quanta poeira
se ergue

pelos caminhos

estão os olhos
certos

o que escutam
as folhas

sobre o lugar da voz
quando as mãos

trocam a sombra
por cavalos

6

Onde a luz
é tanta

procura terra
a idade

para morrer

7

Sinal de fogo
sob a terra

por setembro

escolhe o amor
a mulher

desabitada

8

Pelos vestígios do fogo
regressa ao corpo

a boca fatigada

da noite fica
o outono

de passagem

as águas esquecem
os cisnes em

quanto se desfolham

9

De sol a sol

só a terra resiste
ao culto de

outra idade

10

Até ser
luz

a morte faz-se
à noite

corpo aberto

11

Num espelho
de água

bebeu Narcisus
a sede que

não tinha

12

Sulco a sulco
procuram

amor as mãos
que o amor

não quer

13

Habitam a noite
os amantes

morrem de amor
se o desejo

os não matar

14

Tenho então a idade
destas pedras

a incandescência
da hera

que a noite cingiu
à frente

adolescente

15

Desconhecia
a estrela

Hefestus

antes de à morte
por um aceno

se entregar

O SACRIFÍCIO DO CAVALO

1

Desde as origens
que à terra

os prende o fogo
primitivo

a nudez

desde as origens
que a morte

os prende à fúria
incandescente

da paisagem

desde as origens
os cavalos

2

À terra

a que regressam
como deuses

para morrer

voltam então
sem ser

chamados

por alguém
que os viu

chegar

3

Destino súbito
de pedra

em espelho-de-água

por eles passa
o vento

destino súbito
de estrela

que se extingue

4

Para onde quer
que os leve

a mão

que à rédea
os guia

sempre estarão
de volta ao sol

de que nasceram

5

Por um frémito
de asas

esperam

voltar a céu
aberto

e ser o que já
foram

imortais

PRONTUÁRIO DO CORPO

PRECLARO FOGO

1

Adormecidos
bosques

contempla

2

Em sonho
a terra não

sonhada

3

Pela manhã
despertam

sóis

4

Sagrados
rios d'alba

correndo

5

Do princípio
do mundo

para a morte

PRONTUÁRIO DO CORPO

1

Propriedade
limitada

desejo

2

De não ser
propriedade

limitada

3

Cansada
terra

pó

4

De solo
a sol

flor

5

Do solo
à flor

do sol

HABITADO MÁRMORE

1

Caligrafia
demorada

coral

2

De fogo
preso

a nada

3

Esquecido
sob colinas

de água

4

Suspensa
sôbolos

rios

5

Cantados
a palo

seco

ARTE DE MÚSICA

Jorge de Sena
in memoriam

1

Cristal
d'arco

tocado

2

Até deixar
de ser

sinal

3

De fogo
nocturno

sol

4

Chorado
adeus de

um dia

5

Canção
d'amor y

morte

OS SINAIS DA TERRA

1

Lavoura
arcaica

pátria

2

Prestes
a ser

terra

3

De escravos
negreiros

mares

4

Rogados
males

canta

5

Quem
céus mal

'spanta

A PAIXÃO DAS ARMAS

O COVEIRO

Do outro lado
da morte havia sombras

avançavam em fila
e lançado o alerta ninguém
abriu fogo sobre a coluna

à voz de comando
deixaram de ter

chão

a terra arborizou
tanto espaço

(vem cá minha enxada)

VER DE BOI

A Pascoal Motta
poeta mineiro

1

Às duas por três
caíam fora do perímetro
vigiado pelas aves
de grande porte que toldavam
de agoiro as pastagens
nocturnas do Munhango
acabada a lerpa
metiam pelo trilho de pé
rapado com salvas de moiteiro
a desproteger as rondas
atrás do arame

2

Horas depois uivavam
carbonizados pelo corisco
com que o dilúvio
de pedras noite-fora
os deixaria em tronco nu
à porta da caserna
de olhos cambados
como sapato de defunto

CANTIGA VELHA

(glosando Camões)

Pergunte-lhes alguém
por que assim vivem canção
e logo a tristeza
porque assim vivem
assim morrem

diz-lhes tu tempo
como ulceram chagas
o novo sofrimento
e sob o dólman se enruga
de frio o coração

pergunte-lhes alguém
se ainda vivem
porque não vivem
diz-lhes tu tempo
que porque mouro
amortalhado de terra

O QUE SE APARENTA AO PÓ

1

Que não falassem
mais nisso pediu Ofélia
ao rei que aludia
ao pai (e se perguntarem
– não respondam)

o que ainda ontem
que anos tinha depositava
de um vômito a última ração
– esqueceu-se de respirar

idos às cordas
declinavam do combate
– o pulso aberto às fomes

queriam ouvi-los
não tinham voz (dos *ridículos*)

nos dias da operação
cagavam-se

(de medo)

2

Bartolomeu
Ismael
Sobrinho
Catrina
Geraldo

Kamakula

Chipemba

Morato

(fodeu-se querem ver)

.....

O que ainda ontem
dizia

(calou-se)

e aos costumes
disse nada

VOSSO CONSELHO PEÇO

1

Por esse andar
iam (e vinham) tantas vezes
que até a mim
já me ocorreu inventar
o amor cavar daqui

a terra espanca-nos
de medo vosso conselho peço

à saída da sanzala
ouviam-nos chorar o beijo
de água febril

(vosso conselho peço)

*bariga de Dominga
vai crecé*

2

Para aviar esta remessa
de crânios

(em folha)

prá guerra vosso
conselho

peço

AO OUVIDO DO MURO

1

De sombra não passa
o vulto que para toda a parte
me acompanha

da terra chegavam
cartas do juízo da mãe
– nada diziam

*(talvez não saibas
levaram-na a enterrar)*

à saída pró mato
eram capazes de jurar
que carregavam a cabeça

(a tiracolo)

2

Visitados os lugares
que nem o mapa consentia

(a *tua*)

ninguém os segurava
adiante

a *gorilage* mostrava
as civilizações

aos dados jogados

SERVIÇO DE VÉSPERA(S)

1

Disseram não
ouvi dizer que *naguerra*
tudo sabem de nós
e nenhum de si

sob o céu negro
do Andulo morria-se
se não de morte súbita
de morte macaca

2

(o cripto)

apre núncio
apostólico romano (*aparte*)
– ok chefe *jálabai*

3

e não é que não iam foram
tibero de lha cosere alfer

mas a piçada maikes
veio depois

arrepindidos
chorabo

pracio as putas
na curesma

EX-VOTOS

1

Quando voltasse
à terra quando

nunca se sabe
que talvez já *ao receber desta*
viesse a companhia
a caminho da metrópole

e com quem
logo com quem iria
à cova pagar em cera
cada promessa

que a mãe

2

chegado o natal
logo um logo outro em fila
seriam vistos (a preto y branco)
– fala o soldado condutor

perdido o número
perdido o nome

fala o soldado (*corta*)

um cão em fundo
era agora

o espaço todo
da guerra

O CAPELÃO

Servo bom
e fiel

mantém-te casto
meu filho (da mãe) até
ao fim da comissão

à noite o póker
batido por conta da diferença
cambial que o lustro
dos galões puxava cada mês
do Minho a Timor

da alma (*módiabo*)
só ele então celibatário

cuidar sabia

A RONDA

À falta de inimigo
vamos lá ver contavam
estrelas até onde
a terra sob o céu crespo
do Cazombo os dava por achados
ao canto da guarita

em dia com a noite
abatidos à rendição
zoilos tremei
depois era vê-los partir
fa(r)dados às ordens da patrulha
bárbaros reféns

DA SÍFILIS

Adiantada flor
do vinho

na celebração das bacanais
ao coração baixava

roxo tremor
de cama

desfeita

CUMPLEAÑOS

À hora do brinde
a nomeação

hóstia por serviços distintos
jurava o *cripto* quando do Estado Maior
– passe a chamada o telefone
vermelho

com que então
a Cruz de Guerra a 10 de Junho
Dia da Raça no Terreiro
por ter saído vivo

da Guiné onde
o campo de minas
ao engano o fez voltar

como herói

ABC DAS OPERAÇÕES

A meio da operação
(nunca avançar)
nessa *morriam-se*
de medo

interessados
antecipavam à espécie
a agonia dos vermes
e nem então

este era o que sempre
ó terra incógnita quis partir
depois de ser dado
por perdido em combate

pergunto por ti

(*e tu respondes:*) *pedra*

O PROCESSO

Antes de mais
podia jurar

Abdias assim
como tiveres feito
assim contigo

– honra em conhecê-lo

– às suas ordens
Sargento

no momento de depor
nem *aos costumes*
disse nada logo o outro
– és cá dos nossos

(mandá-los)

GRAFANIL

Estavam aqui
estavam lá

(vinham do Norte
quando a coluna rompeu
pelo Grafanil)

À estrada de Catete
quem os não viu passar
com a peluda ao ombro
– enterram vivos

no fim juravam por tudo
que há no mundo

que o fizeram pela pátria
rameira infame

que tais filhos teve

GUIA DE MARCHA

Como não vinham
donde nem

seguiam destino ali
ficavam até à ordem
de chamada quem sabe
espera pela demora

prontos se não
prá guerra prá morte
ditosa pátria
que ir é pouco

De Lisboa
quando o telefone toca

CINEMA IMPÉRIO

Caído o pano

a plateia aplaudiu
de pé o Império *esgotado*
c'o *Cowboy Insolente*
– última sessão

no regresso aos quartéis
com as tracejantes
a riscar de fogo a noite
de Luanda ficariam

de cervejola na mão
até que na manhã seguinte
a sereia da fragata
lhes acenassem

co'a partida

A COMISSÃO LIQUIDATÁRIA

A haver despacho
legitimados

ó mores faustos da empresa
que a dilatada fé deixou
em toda a parte

repartida a perda
perdido o ganho

sem deixar pena
– grasna o corvo

Nunca mais

ADIDOS

(hors-texte)

1

*Quem que os chamasse
pelo nome tem não*

*nessa hora da tarde
adiantava ouvir nome
nenhum tinham
morido meu irmão*

*no peso dos rodado
à Terra Nova*

*cala-te boca morto
qui morte si fala*

more outrabez

2

*No kazenga
os mortos falam*

*com o corpo todo
t'á rir de qué madiê
tudo qui ôje t'á passá
num és curpa dos pretos*

*quem que nos quer
séparar vai ter que dizê
tudo qué passa dentro
das cerca nos musseque*

*mi deixa expiricá
por que nos matán à toa*

não adianta falá

3

*Sobre nossas cabeça
metáizaro 'spaço*

*émepéliá é o pobo
eu disse eles puxaram
arma fica intão
por ter falado verdádi*

metalizaro'spaço

*comé quié voltare
atrais majá lá num 'staba
quem qui fugiste
na cara dos bandido*

*me diz só si
adianta chorá*

4

*Dia seguinte
porquê*

*intão n'um falam
os casos qui passaram
na Vila Alice me diz
só quem que atacou*

*patrulha portuguesa
na noite passada
quem lhe recebeu
dirajada foro*

*os mesmo fênélia
qui atacam povo angolano*

onde que podi ser

5

*Ninguém lhi vai
acreditá juro*

*que a 11 de Novembro
não é maneira não
de falá di quem foge
à guera que a gente*

*de Luanda si assustou
c'oa confusão não quer
ficar pra ver como
que vamos viver depois*

*que a nossa bandeira
subir no mastro*

da portuguesa

OS SINAIS DA TERRA

AS PRÓXIMAS DISTÂNCIAS

1

Tangia o ser

as naturezas agora
ao ser pertencem

2

De ardor morria
em Delphos

a numerosa luz

3

(Kafka)

Simulam água
sombra

as coisas possuídas

4

(van Gogh)

O feno

ainda orgia
da cor

5

À flor das águas
ensombrecem

os cisnes

6

Obscura desce
com a noite

a lua branca

7

(Ravel)

Por abril
dói a dor

elementar

8

(Visconti)

Decepado
vinho

sangue

9

A medo voa
o potro

adolescente

10

(Trakl)

Oiro

oiro fatigado
até ao fim

11

Surto de folhas
a neve fria

a ser

12

(Camões)

Um só olhar
de terra

13

(Rimbaud)

Diverso
esfíngico

suposto

14

Pedra
suspensa

o mar

15

Sopro de
origens

16

Imoderado
fogo nu

ao rubro

17

(Pessoa)

Olímpico

sob espora
finge

18

Indícios de hera
plasmava

a luz diversa

19

(Modigliani)

O modo quase
azul até

morrer

20

Tocam-se

para a morte
os esquecer

21

Na frente principia
esplêndidos

sinais

22

Pétalas de água
bebia à noite

a rosa púbere

23

(Lorca)

À terra fixo
dorme ainda

o corpo amado

24

(Bartók)

Harpa de sombra
a compunção

de olhar

25

Amanhece tarde
o corpo onde
começa o mar

AURUM

De céu em céu
alto perpassa
a pedra em fogo

*

Equivalências
separa a luz
das mãos

De si mesma
distava a cor

do âmbar

*

À luz do feno
correm

os cavalos

*

Lavrados mares
cobria a pulso

a clava de Teseu

De brancura
morre o cisne

extenuado

*

Arborescentes
rios truncava

a luz cruel

*

Sofridas mães
Menandro em vão

choram por ti

À luz da terra
ajustava a noite

a sombra nua

*

Com fios de água
bordava Egina

o rosto amado

*

Oiro oiro
de nada

esse desejo

OS SINAIS DA TERRA

1

O alento do falo junto à terra

pelos vestígios da hera
retomo a luz

que outro mês há-de lembrar
o aroma das arcas

por janeiro a terra
sobra contra

a boca

2

Também o mais ledó nome
esconde ao olhar

o sentido da terra

até ser livre
o sangue

até ser luz

3

Para convívio das águas
nomeio a terra

o corpo arde

infatigáveis cores apuram
as colmeias

entre os seios

fevereiro expõe a parte
mais fria

4

Por tempo teve a terra
este lugar

que assombrado pudor
despede assim

germinações
de luz

habito a pedra
o reino

trasladado

5

Sob a neve

mais a treva que a luz
faz o ano formoso

devorada de folhas
a casa dorme

até março já ser

6

O dia nasce

onde a luz
sustém

a causa

amada

7

Não tanto à terra
como ao corpo

a boca pede
a posse

perto da luz
um rio

de folhas
agoniza

nada veem
os olhos

até que os dias
os venham

habitar

8

Sinal de fogo
sob a terra

estima o celeiro
a evidência

do sol negras
poeiras

remove a luz
em vão

abril repõe
no corpo

a exiguidade
da boca

9

Este pousar
dos olhos

sobre a terra

pelos desígnios
do fogo

frívolos sóis
cercam

as mãos

maio espera
sempre

que da morte
regresse

o coração

10

Como perpassam
pelo sono

rostos de água

quando inaudível
se ergue

a madrugada

11

Muito pode
o corpo

quando as aves
crescem

sobre o mar
e pousam

e espiam

das açucenas
o hálito

a morte

12

Ande o verão
por onde

andar é cedo

para cingir ao fogo
a promessa

das águas em junho
há-de o olhar

tornar-se
pedra

azul

13

Julho

com as aves
em julho voa

o nome

14

Pela sombra
corrige

o rosto

a direcção
do vento

15

Primeiro dia
de agosto

a terra toda

por um momento
de água

16

À espera
de ser

luz

setembro
cansa

a terra sobre
o corpo

17

Outubro

a língua sabe
a terra

18

Que mão
de frio

estende a noite
à ternura

das aves

19

Novembro
chama

extingue
ó boca

essa beleza

fria

20

O que o olhar
não diz

há-de lembrá-lo
dezembro

à folha do ulmeiro

POÉTICA

(Pessoana)

A minha pátria
é onde não estou.

Álvaro de Campos

1

É de antes

de tempo
ser

entreaberto

labirinto

2

Biografia
da terra

ainda o nada
em cada

sensação

3

Disperso

em cada
coisa

o coração

4

Deserto

procura
água

o mar

ausente

PEDRA DE TRANSE

ARTE POÉTICA

1

Do esplendor
cativa

em Thebas cantou
a boca mais

ardente

2

À extrema luz

os cisnes só os cisnes
chegam enfim

para morrer

3

De fascínio apenas
de fascínio

morresse quem
de fascínio

ó rio Estige

morrer podia

FULGURAÇÕES

1

O corpo todo

2

Desejo ainda
o desejo

3

Desposa fogo
ó beijo

incandescente

4

Titilações
de mármore

os seios

5

Na frente
enluarada
o beijo de morte

6

O sol
atado nu
corpo

7

Solta o azul
então ó céu
sem fim

8

Sombras
culpam
sombras

9

O assombro
claro à mente

vem

10

Que harmonias
de vaso o nome

não ganhou

11

Que o dia passe
mas permaneça

ó ser

12

Um livro
de heras

13

Os musgos
pairam

14

Para que lado
dormem

as colinas

15

De terra cercam
as águas

o fogo imaturo

16

Perto da fonte
morre ao alvor

a cotovia

17

De luas
coroado

ardia o corpo

18

Um rio
amarrado

na cintura

19

Qual ramo de chuva
às mãos cingia

o coração

20

Venenos
queimam

21

Apruma
o rio
ó água

22

Só um amor
por outro será
trocado

23

Ao peito sobe
o leite
derramado

24

Um cisne
repõe o dia
no olhar

25

Conduz conduz
o meu cavalo

sombra minha

26

Às águas vivas
voltava o gamo

pela aurora

27

A sangue frio
às mãos torna

o punhal

28

Sem mim
duas luas

passaram

29

Esse brilho

há-de a terra
comê-lo

30

De braço dado
valsam

as amantes

31

Já folha
branca

não sou

32

Um dardo
a brancura
dos dentes

33

Quero-vos tanto
ainda assim
ó clareiras do sol

34

O som negro
das águas
levo comigo

35

Iluminada
sombra em

triste ser

36

Cartas de amor
rasga a paixão

quando acaba

37

Ser eu

eis o que a luz
compensa

38

O que os frutos
olham só

eu o saberei

39

Pela nudez
de maio

chora o lírio

40

Ferido canto
compõe

o rouxinol

41

Qual rubi pro-
cura sangue

o coração

42

Às folhas altas
prendia terra

o barco

43

Por amor
respiro

a luz cruel

44

Estátua de sal
se fez então

o mar

45

O fascínio
esse limite

de água

PEDRA DE TRANSE

1

Enquanto oiro
arde em

quanto oiro

2

Nupcial
brilhará por mim

a 'strela d'alba

3

Branças dissipações
cingia à fronte

o mármore

4

O ombro debruado
pela hera

5

Ergue-te

ó fria plumagem
de estrelas

6

Flui ainda o rio
que à nascente

voltará

7

Bebe-me
diz à cicuta

a morte

8

Por si chorou
Antígona
depois da morte

9

Degolada
cada noite
morre a lua

10

Nada lembra
a violenta
respiração da treva

11

Além da morte
não tinha outra
morada

12

Lenços de mel
bordava

Antheia

13

Mas não na ilha
onde bordava

Antheia

14

O brilho
extremo

a morte
e os sóis

intactos

15

Leandro Leandro
em Sestos

negrume ainda
ressumam

os cavalos

16

Um arbusto
de sombra

a voz da mãe

17

O que a hera pensa
amargamente

amargamente o sei

18

Pedra de transe
chamava à luz

a flor precária

19

Remove
a cor por

fim ó anjo

20

Junto ao Érebo
era ainda água

o fogo de heras

21

Ordena o ser
a voz do

mensageiro

22

Em si mesma
repousa a fronte

de Arthemisia

23

Por que chama
o bosque à luz

amanhecer

24

Com redes de água
colhia a noite

o sono frágil

25

Entre colinas nuas
celebra a noite

o deleitável absynto

26

Por iguais tributos
assim eu

a luz amava

27

O que a pedra branca
prenuncia ephebo

por ti o sei

28

Com as aves
voa parado

o pensamento

29

Clara noite

lento morrer
de pálpebras

30

Da mão direita
sete estrelas

caíam

31

Obscuros dons
esvanece o ar

em mim

32

Tambores de guerra
ao longe aturdem

os cavalos

33

Retira cor
a sombra

à cal

34

Também dos ombros
cego às vezes

cai o mar

35

A pedra a pedra ser
o silêncio

a ser cristal

36

De morte súbita
morria a dor

pensada

37

Um braço
de terra

contra o peito

38

Ruínas da Tessália
em Athenas

ruínas são

39

Por Alcione

aos mastros
segreda

ventos o mar

40

De Cérbero ouvia
a noite rubro

ladrar de pedra

41

Um pouco
de água

pedia a boca
ao fogo do

sicômoro

42

Poeiras do crepúsculo
levíssimas

passai

43

Espasmos d'oiro
volteiam

os sentidos

44

De volta a casa
viu Mnemosine

que já casa não tinha

45

No meio das 7 lâmpadas
só a noite por fim

se apagará

AS SEQUÊNCIAS DE PÉGASO

DESERÇÕES

Desobedeci aos deuses
E só então com alegria estranha
Sorrindo à morte
Por mim soube o que é ser
Da solidão ao infortúnio
Nada devo ao destino
Apenas a dor de ser mortal
Um dia visitou-me o amor
Amei (mas quão pouco importa já
O amor que tanto importa)
Acaso não se cobre de terra
Ó prece a boca da criança

Quem é essa criança
Que pela margem segue em silêncio
A torrente de mortos
Que o rio leva consigo a caminho
Da infância saberá ela
Que a noite à frente atrai
Em sonho lucilações de nácar
Com o abismo próximo
Para o abismo se dirige agora
A ceguidão do anjo
Pedra não menos fria a casa volta
A voz da mãe floração cruel
Então chamou à terra
Inesperado visitante

Já amar com alma
Não direi *hypocrite lecteur*
Que o não saiba a hora
Em que a morte há-de beijar
A terra à sombra das figueiras
Quando no mar se erguer
Em linha a fúria dos cavalos

ENDYMION

Nesse instante
Em que de Heracleia ao mar
O rosto amado viu
Partir na morte entrou Endymion
A não ser ele ninguém
Conhece a terra onde repousa
A flor de abismo
Que a dura imprecação da sede
Chorou junto às fontes
Não o quisesse ali
A lua agreste em Latmos
Teria deixado o coração

HERACLITO

A um grego foi possível
Outrora sonhar divinamente
As águas de outro rio
Todo o homem é um rio
E o homem ainda hoje ignora
Quão indiferente obscuro
No fundo corre o rio
Heraclito a natureza escuta
Em toda a parte o fogo
Que no passado foi cinza
Em Éfeso se perdeu
Arthemis é desde então
Inquietação segura

HIERONYMUS BOSH

Onde quer que o fogo
Por maldição em sonho precipite
Na terra outras visões
E a noite remotas hordas insinue
Contra o céu tempestuoso
Que a natureza em oiro transfigura
De melancolia há-de morrer
Esse ferido coração
Cuja existência à morte
*(deixai toda a esperança à porta
ó vós que nela entraís)*
Por dentro prende
O demoníaco galope
Dos cavalos

VAN GOGH

Como se outra fora a luz
Com que a paixão cobriu dazul
As colinas de La Crau
A pó de estrela debrua a morte
O sonho de van Gogh
Onde quer que a lua esqueça
O oiro dos trigais
Longe começa o verão
De que rubras estações porém
Regressa o vento
Para morrer nenhuma cor
Sabe que nome tem

ALBRECHT DÜRER

Ser dessa luz
Esse limite austero que a solidão
Como alguém disse
Gravou no sangue até ao fim
Foi quanto da cor ficou
Até à morte
Quão alta é estrela branca
Que a fronte cerca quão lentos
Os ritmos da terra à hora
Em que os crepúsculos se afastam
Da voz que os incendeia
A mão de Deus assim ao rosto
Volta para dele a voar partir então
E noutro rosto para sempre
De si mesmo se perder

FRIEDRICH HÖLDERLIN

Enlouquecer assim
Julgar depois que é outro
O que a casa volta
Pelo caminho em que a desoras
Subitamente envelhecido
Persegue a sombra do meio-dia
Junto à clareira onde não
Passa a morte segundo disse
De heras coroados finge
Outra vez não ser ninguém
Pelo bosque a que regressa então
De pouco lhe serve a noite
Senão para esquecer o que roubou
À lua o oiro dos plátanos

WERA O. KNOOP

Tocada foi da morte
A fronte que um frio de bosques
Ainda em sonho desvela sem cessar
Para cingir-se à terra
De luz cercam as mãos a linha
De fractura existe a cal
E a branca incidência da noite
Contra a boca como quem
Para morrer um deus negasse
Que outra dor senão
A que por álgidos insectos
Devorada em suplício
Converte por amor a lividez
Sonora do abismo

RAINER M. RILKE

Eles cintilam
Os anjos olham não vêem
Contra a folhagem dúbia
A luz suportam sob incidência
Fixam na água a estrela
Do desastre o surto
Das imagens a espada austera
Dessa existência são
Finitas sombras porque
Já outro era então o livro
Que escrevia assim
Chorado Linos soube
Pela música o que é morrer
Se não de amor de solidão

ODYSSEUS

Não menos fixo
Que a terra à sumptuosa luz
Do mar furtiva estrela
Segue para ser rei
Dessa viagem a que o chamou
A morte para cumprir
Outro destino de água
Aos braços de Penélope voltou
Heróico um dia
Para que a insídia o canto
Lendários fossem antes
Por Poseídon traído depois
Pelo coração

GEORGE TRAKL

Agora que a luz
Agónica do ouro lajeia
As águas mortas de outro rio
E em sonho a cessação
De deus desvela sob a terra
O ombro frio onde não
Pousa como outrora
A grácil cotovia
Por fundos vales erra
A irmã já feita cinza a boca
Que a intocada noite
Confiou depois sem o saber
Ao perfilado horror
Da divindade

ANTONIN ARTAUD

Ele que para bater-se
Com os deuses a vida expôs
E sem limites vulgarizou
A morte há-de a isso juntar
A insustentável solidão
Que o dera por perdido
Em Saint Rémy de Provence
A menos que ignorasse
O que ainda assim dele queria
Essa loucura só ele além
Do amor pediu ao mundo
Que outro fosse então à luz
Do dia seu murmuro
Desejo de acordar

BELA BARTÓK

Sem outro assombro
Senão o de levar a morte
À flor do sangue
O que das mãos trémulas fez
Essa voltagem não foi
Trazer para terra a luz do mar
Que em sombra se perdeu
Mas repetir até ao fim
A dor de já não ser mortal
Coincidentes brancos
Devastados ritmos
Suturações sinfónicas
A que só ele até ao fim
Chamou paixão

YOKIO MISHIMA

De astros coroada
Por aterros que a lua calva
Despojou até ao fim
Sob outros sóis esfria perdida
A cabeça de Mishima
Não fosse terra a estrela
Que a noite fatigou
Quem saberia que terror
Nocturno espectro
De Poseídon o venturoso
Já então abismo foi na terra
Um dia ó lírio amado

DEMÉTHER

Venho de Elêusys
A inefável a quem Deméther
Roubou o livro do destino
O mistério persiste
Até ser dela o trono de ouro
Que por traição lhe foi negado
A menos que a beleza
Volte a cobrir de púrpura
O espelho a que se viu jovem
Um dia ninguém quanto o oráculo
Confirmará quem por paixão
Escrutina em sonho
A predição não já do trevo
Porém da morte

JORGE LUIS BORGES

Perdida a linha do sol
Corre um tigre paralelo à noite
Por onde passa a terra
Move-se cansam-no de sombra
O tempo todo os músculos
Nos dentes martelados
A indecifrável cor dos rios
O fogo ardente sob os flancos
Uma vez por outra pára
Desperta novos súbitos sinais
Com o chão por mortalha
Antes da aurora saberá então
Que a dor é esse excesso
Dos corpos para a luz

CLARICE LISPECTOR

Outra não fosse a luz
Com que a vida entrega à terra
O desejo de morrer
Ninguém então excederia
O mundo essa ilusão de deus
Que o nome não consente
Para evadir-se canta
Escreve o número
Que ao espectro atrai
Sagezas de águia ela falou
A ninguém conte tudo agora
Para que se não saiba
Quanto meu rosto desfigurou
Como esqueceu De Chirico
Que seu fogo queima

AS PROFANAÇÕES

Não sei se cantam,
as Bacantes, ou se o canto as insinua
contra Deus.
Se o equilíbrio da luz sobre as colinas, em meu
nome, na terra as aproxima, e como um fogo
sagrado, implacável, e frio, em meu nome, na
terra, ainda as destrói divinamente.
Porque o obscuro amo, espero.
Há-de a torpeza florir, ulcerar a náusea, antes que o
voo dos pássaros chegue ao limite, em linha se
inicie o terror, e incendeie.
Cega obstinação tem sido a minha vida.
Por isso, tudo esquece, e num instante, apenas, se
apagam as imemoriais visões do mundo.
Eu sei que nem sempre a maldição, o desamparo, o
silêncio e a dor de Ganymedes, que é Águia de
Júpiter, pairam sobre o abismo.
Ó quanto, quanto
excedem a hora, e o medo original; a palavra
incriada, a essência e as coisas infinitas;
o capricho da hera,

enquanto arde; o ser e o não ser; a água, o
pélago e a música do vento; o sal e os navios;
o linho, o aroma das arcas e do pão; a mãe ao
fundo da casa amortalhada; o mais próximo
acto: a morte a perda a pedra incandescente;
o campanário em ruína entre montanhas;
a frente e a tragédia; a sangrenta lua, os
barcos naufragados, a ameaçada voz do mar,
a ilha afortunada, o Árctico – algumas sábias
diferenças.

Sou do lugar onde estou, neste lugar quero morrer.
Sou desta ausência, e não sei se ocupar
este espaço é ser.

A ADIVINHAÇÃO PELA ÁGUA

ARTE POÉTICA

Nenhum brilho
(como esse que a luz recorta
a frio, e incendeia a cor)
sempre foi ouro de apagadas luas.
Esta agulha de pedra,
que o astro equilibra a prumo
sobre a mão, de fogo cósmico estremece.
O unicórnio branco o sabe, e eu.

1

Ela é conforme à terra, e sob as dunas, ausente como um deus, espera que a lua nova, de noiva, a deixe então vestir.

2

Em Agadir, a profética, eu vi a luz nas mãos fechar o medo, e os ritmos da terra.

3

A menos que o pó e o distante equinócio outra vez voltem, neste lugar quero morrer.

4

Tangível à noite, uma figueira cega blasfema contra o céu.

5

Pelo poder estranho dos sons, entre muralhas
perpassa a divindade. E nenhum silêncio prenuncia,
a Levante, que pressa me detém.

6

Morrem de assombro: o órfão, a rapariga estéril,
e o espírito infesto, com o signo, em folhas secas
mudado.

7

O que antes da noite bebeu a aurora nos poços de
Zaer, à lídima morada regressará com a noite.

8

Salvos da morte, ao alfagem cruel negam o sangue,
apressando à distância o alarido dos cavalos.

9

Por apagadas, luminosas sendas passa o leão-berbere, ó flanco débil, e nenhuma lança fere o que o esplendor rodeia.

10

Gravitam alto, sob as pálpebras, os astros, e o suplício que a negra escolta incita contra a noite.

11

Sob a palmeira antiga que as latitudes cerca, e o labirinto ensombra, leda grinalda tece a rapariga.

12

Entre feridas brumas, um muro branco escorre do sol.

13

O meteoro, a linha de água, o vento, e ninguém.

14

Mais dúctil que o âmbar, mais lento que a terra, à sarça volta o fogo lasso.

15

Sobre essa fronte que o diadema enfeita longamente, um nó de luas desata enfim o lírio branco.

16

O que em repouso move a luz à terra sobe: saborido pão, água afugentada – a deleitosa tâmara.

17

Pela manhã que o levíssimo frescor insinua até ao fim, a caravana prossegue a céu aberto.

18

Coincidentes, frios no ombro queimam, os zodíacos, ó servo novo, e fiel.

19

Em Taroudannt, a do sudário roxo, também as águas se anulam, mas não a sede.

20

Pelo olival, que o mais furtivo sol martirizou de rude febre passa na urna uma criança morta.

21

Da haste extrema cai o dia, e não há haste.

22

Só ele, o latido do deserto, em Zahora, com a morte
afinidades tem.

23

a Lao-Tse

Um a um, trinta raios velozes se projectam imóveis
no centro da roda.

24

Por um só temor, constelações dirige, em sonho, a
vara do profeta.

25

Entre o sono e aurora, a transparência de um véu
apenas nos separa.

OS LIVROS

Da voz
que os ditou, ninguém
a origem de todo saberá.
Uns, já foram pedra
por eles se conheceu o destino
do mundo; outros, oferenda
da terra ao sol
suspensa das mãos
que os escreveram.
O que os olhos não vêem,
o que a boca não diz
dos livros são fulgor divino.
A marca de água
assina cruelmente esta suspeita.

O CAMINHO DA SERPENTE

POEIRAS

É dia claro, diz ele
quando à noite, em todos, e em lugar nenhum,
se cruzam os caminhos, em direcção ao sul.

Sob escaldantes céus, longe leva a distância.

Não porque tudo comece à hora em que a luz
áspera, e crua, cai sobre o Meio-Dia ardente dos
palmares, mas porque à sexta é sábado, e tarda, a
uma so voz, ouvir-se sobre a Terra o justo trovão de
Deus.

Dos que partiram (e quase todos partiram) só
uns quantos regressam para: bater o cobre, torcer a
lã, sondar a morte.

Entre o inquieto fulgor dos laranjais e o açafão
febril, arrastam-se as poeiras. Que as não detenha o
vento do deserto.

Está ali a Casa, mas não entrará nela o Sol.

1

Explode no mar, esta primeira noite de Tânger.
Noite branca, perfeita como um trono entre ciladas.
Sob o luar azul tremem alfanjes à roda da cintura.

2

No Grand Hôtel a que o reboco antigo dá ar de
estalagem termal, o velho Sir que a British Airways
até aqui trouxe ao sol, sobe à mais avançada varanda,
e a coberto da luz imprópria da colina, para junto
de si chama o rapaz moreno a quem voltará a pedir,
com a baía ao fundo, toda a ternura do mar.

3

Sob o claustro de uma praça sem nome, a peste
espera em Larache que o sol do Meio-Dia a peso
funda estas cabeças para depois, sem que o luar
suspeito, devolva o ídolo ao mar.

4

De passagem pelos descampados de Ksar-el-Kebir, a caminho do Norte, *eu vi a luz*, como se o desencontrado som das lanças não fosse o mesmo grito de guerra que, um dia, incendiou a caveira dos cavalos.

5

Pelas ruas de M'knâs, ao início da noite, eles celebram, com salvas de tambor e golpe de pandeiro, Nabi, o Profeta iletrado, aproximando na Terra o que, intimamente, entre a Manifestação e Princípio, a voz de Deus, pelo Saber, uniu no Céu.

6

Na solidão alta da Montanha, eles entregam-se a uma respiração profunda para merecer a lembrança de Deus. O Islão é essa dilatação do peito a que chamam inshrâh. O ar inflama o peito nu do Al-Muezim; penetra fundo, o Céu, no coração.

7

Por esta *Porta de Cedro* que agora separa o mundo das ruínas de *Les Écuries* de Moulay Ismâil, o sultão – a quem 500 mulheres abriram as pernas para fazer chegar ao mundo uma descendência de 800 filhos – passou o fulgente Sol.
E era já noite o dia do Império.

8

Pelos campos de Saiss, ergue-se a terra, toda a terra, até à natureza da própria divindade.
Onde arde a luz? Onde se apaga o sol?

9

Em Fez, todas as cores são toda a cor. E árdua, a morte, do que, nas *tanneries* do Imperador, pela noite fora, sem o saber, será roubado ao sono.

10

O Livro Sagrado – a que dão o nome de Kitáb - é discernimento, aviso, luz que ao centro brilha e, à volta da qual, Terra e Exílio se levantam.

“Se os teus olhos dormem que o teu coração não durma.”

Pela Graça, a Intelecção, a Fé – leio as pedras. Como um livro sagrado.

11

Entre a instantaneidade do acto divino e o relâmpago, só Deus passa – a primeira dádiva do céu. Por isso, não lhe resiste humanamente o ser que a recebe. Em Fez, eu escutei a Palavra.

12

Com o astro, pequenas campas de terracota rodam para sul. Remotas caravanas, poeiras mortas.

13

Pelo Meio-Dia, a multidão rompe a muralha que
Bou Reg-Reg, o rio, cerca às portas da Medina.
Compra sede. O que vende água. Todos dele fogem;
a noite, não.

14

Veio do sul, a noiva que no quarto ao lado desejou
até ser dia, que o alfanje da lua a separasse, de um
golpe dos braços do amante.
“Je t’aime, petite chèvre!”

15

De lugares perdidos, para o mar se dirigem então
o espírito dos ventos, esse mendigo cego que ainda
ontem clamava aos céus, às portas de ar-Ribaat,
pedindo para onde estava ficar.

16

Poderiam ser tantas como as linhas da mão, as linhas a distinguir no grafismo da palavra Alá. A horizontal comunica o movimento da escrita; à volta das linhas verticais, e delimitando-as, um círculo de fogo as enlaça.

Três dimensões, porém, atendem o espírito: serenidade, majestade e mistério.

À linha horizontal, corresponde o deserto; ao alto levantadas, as rectas verticais anunciam o imutável: o círculo, a descoberta do saber profundo; nome de Deus, o pensamento.

17

Sobre a vereda, que a primitiva caravana silencia, horas depois de lá ter passado, esvai-se de sangue o luar – de que apagados sóis; de que lácteas galáxias?

18

Do Alto Atlas chegam a toda a parte com seus *foulards de tête*, romãs maduras que o sol de verão deixou abertas, onde ninguém as quer.

19

Na Kasbah des Oudäia, sob a tenda saarabe que os resguardou da noite, oram então para que o dia se levante e com ele siga até onde o deserto os não veja chegar.

20

Junto à Muralha, onde a porta vermelha se abriu ao mar que a forçou, o que ela vê é a luz que a lâmina do dia roubou a uns olhos sem préstimo de criança.

21

Ceifados pelo sol que, a Levante, fingem não ver, em machos coxos carregam: carnes, lã, metais, pregões, ruídos, pragas, água, panos, cheiros, luas, lenha, pão, excrementos, sombra, sedas, facas – ahuá! – pelas al-Medinas.

Dos minaretes, a Oração que sobre eles cai como uma espada - a voz de Deus.

22

Presas ao chão como raízes secas, desposam, em círculo, o noivo que as há-de levar à terra que os chamou.

23

A menos que adoeçam, a viagem. Com folhas secas acendem o lume, adormentam a água enquanto longe se empoeira a caminheta. Aos ombros, a cabra à faca degolada, de véspera, junto ao poço.

24

À boca da forja, martelam estrelas, palmas, sóis, em pratos de cobre que a geometria calculou. Corridos os taipais, voltam à rua obscena, risos de fósforo entre os dedos soprado.

173 |

25

Onde quer que um feixe de gravetos suspenda o céu de asas parado, sobre as alturas de Al-Qunaytra forçam o Dia.

Lentas como a terra, céleres com a luz, atravessaram o mar por um grão de trigo.

26

Atirada ao lume a mão de sal, todos se olharam até se ouvir dizer: com ninguém ficará a rapariga estéril. Desesquecida flauta só por velhos tocada.

27

De flor em flor, Fatma, a borboleta azul, voa pela casa que o meio-dia convidou para o noivado. Esta noite não, mas na seguinte, saberá pois o que então à folha da figueira brava disse a lua.

28

Tem olhos de corvo, o rapaz que, a troco de um *dirahm*, vendia esta manhã, pelos cantos da al-Medina: dois dedos de conversa que uns velhos amassaram nas gengivas desdentadas; uma tigela de água de barba que alguém deixou à porta do barbeiro; o brilho da meia-lua da navalha que ficou por recolher na banca do mercado.

29

De Asilah, em trânsito para o norte, tudo carregam menos a dor que lhes fica das noites em que, ao relento, cortam as veias com lâminas de barba.

30

Nos subúrbios de Tânger, pelo terreiro que o rodopio das poeiras levantou de folhas à beira do atalho, agachados no chão escrevem o Nome.
E ninguém sabe, ó Cidade, que outro chorado dia os verá morrer.

175 |

CIDADE IRREAL
E OUTROS POEMAS

ARTE POÉTICA

A pulso
aberto escreve a mão
que do equinócio estéril
já foi sangue em flor

1

Entre dois espelhos
corre, o escasso dia, e ninguém
com ele corre.

2

Envelhecida
noiva, em cada esquina cai
de sono, a lua nova.

3

Exumadas rugas,
lassas sombras que o medo
enlaça ao pé da escada.

4

Lívidos espasmos
prolonga então no sangue
a faca escura.

| 180

5

Um só desejo
espera pela demora de
outra chegada morte.

6

Frio lagarto,
o sol acama a febre:
lodo, vento, cais.

7

A horas mortas,
vingam a luz nos saguões:
raro desgarro, cio.

8

Na mão ausente,
outro cigarro vago de
todo se fumou.

9

Nunca atendidas
ao balcão, glosam naufrágios
de cana, e cantochão.

10

Postos em linha
sobre carris forçam a malha
fugida do destino.

11

Olhos nos olhos
enchem: favos vazios,
fulvos, de ternura.

12

Siderados mortos
de sede, bebem a noite
noivada do sepulcro.

| 182

13

De borco, ao relento
sonham prender-se a tempo
à cauda do cometa.

14

No mesmo instante,
vibram a corda e a flecha
do arqueiro.

15

Águas passadas
pontes que a avalanche de neve
carbónica atolou.

16

De rua em rua, já
nas mãos do florista se fez
noite a flor do absynto.

17

Sob a pálpebra,
febril queima a chama
de fósforo, o olhar.

18

Exaurida, esfria
a prece, de arco em arco,
pelo céu da boca.

19

A não ser que a chama
alteie o coração, ficam-se:
o sorriso de lacre.

| 184

PRIMEIRAS LAMENTAÇÕES

Cegam de todo, a meu ver:
este assombrado rio a que o olhar, de céu a céu,
regressa com a luz; Memphis
a que entre muros, branca, já foi cidade
ao Sul; e o pó dos cardos.
Que sabe o Mundo de nós para fingir
que é outro o dia em que essa cavada face ajusta
ao medo o rumo das paisagens?

Por céus de abismo
cingia então ao nome essas visões,
que o fogo estéril da voz, apressando a hera,
abandona à ruína nos umbrais.
Da incandescência do myrto
não falam: nem a noite, nem o dia
nem a língua que se cala.

Estamos em Thebas, à chuva
do passado, e como dois exércitos de sombra,
frente a frente em linha para a morte.
O golpe de vento no abrigo
e a espera impaciente do cavalo no lancil
acordam gumes de espada.
Os mortos escutam a terra:
de que estão eles afinal assim tão certos?

Ela é ainda a que sofre,
vagueia louca pela casa, não vê ninguém.
Com o torpor da neve, à frente
volta o estrangulado sono dos sentidos.
Nas tempestades do sangue, onde já não
a vence o corpo já vencido,
bate agora sem pressa o coração.

OS NÚMEROS

1

Selam o mundo, por mil anos, o Número, a Obra e os Sete Espíritos de Deus.

2

Sob a aparência do jaspe e do sardônio, de si dará testemunho O que nos quatro ventos gravou o Nome, sem o Livro abrir, sem o Selo violar.

3

Ao som da trombeta há-de cair a ira d'O que em tudo manda, e o que Ele disser só a noite e o dia saberão.

4

Levada ao rubro como o bronze, a voz do anjo espera em sonho que o Touro e o Leão, um rosto de homem e, semelhante à águia em seu voo, o quarto vivente, à luz das sete lâmpadas se revelem antes que a espada tome o trono e a coroa do que profetizou o dano e o silêncio das nações.

5

Ao leão de Judhá e à vergôntea de David, hão-de os anciãos então pedir um colírio para os olhos e a vara para medir o templo de Deus.

6

Da placenta da Terra erguer-se-á, por fim, com esplendor de mar, o incensário de ouro que o perfume juntará à oração e, às coisas criadas, as coisas por criar.

7

Por dentro escrito, e por fora, é um, o Livro, todos os livros, e ninguém.

8

Como outrora em Patmos, hão-de, os mortos e as ilhas, do seu lugar removidos, sobre a terra tremer.

9

E porque tudo a seu tempo se manifestou com Ele,
quando Ele se manifestou, nem a tribulação nem
a pobreza serão castigo para os que, sob as vestes,
ocultam as formas da nudez.

10

Só ele, o Imolado, saberá nos quatro cantos da Terra,
Quatro Ventos guardar.

11

Toda a lágrima enxaguará dos olhos dos eleitos,
o Senhor, porque jamais na sua boca acolheram a
mentira.

12

Conhecerão o flagelo, e no abismo serão precipitados,
os que ignoram o Número e os Nomes, e o sangue
da ira até ao freio dos cavalos subirá.

13

De puro ouro era a cidade, e de pedras preciosas, os fundamentos da muralha, mas só a glória de Deus a iluminava, adornados com doze lustres de cristal.

14

Em socorro de Mulher virá a Terra para que, longe da Serpente, outro tempo, e metade de outro tempo, sejam o tempo do deserto.

15

Porque à Terra anunciaram a estrela da manhã, e aos séculos a cura das nações, serão chamados pelo Nome. Ele é o que a face dá a ver aos que pelo nome são chamados.

NÃO É MEU QUANTO ESCREVO

Fernando Assis Pacheco

in memoriam

1

Ninguém dele sabia:
vem o autor á boca de cena e diz:
em que lugar escreve
agora o que não escreve?
*E seguem-se-me os dedos a cabeça/
estoire e não fique de tudo uma palavra/
se a maldição for tanta
que eu esqueça*
o lugar não é mais que uma ideia:
o lugar é o não-lugar
onde não escreve.
*vem o autor à boca de cena e diz/
se a maldição for tanta;*
não há papel que conte a minha vida/
mais que estes versos de punhal à cinta.

Dos jornais:

*Meu Deus como eu sou paraliterário/
à quinta-feira véspera do jornal/
nadando em papel como num aquário/
ejectando a minha bolha pontua//
de prosa tirada do receituário
onde aprendi o cozido nacional/
do boçal fingindo o lapidário/
– fora algum deslize gramatical –
receio que me chamem extraordinário
quando esta é uma prática trivial/
roçando mesmo o parasitário/
meu Deus dá-me a tua ajuda semanal.*

3

De que outro poder
provém a escrita mais perfeita?
ele prefere não escrever,
tem forma de anjo, já o não é:
*barqueiro que mo levas puta infame/
eu berro e berro á soedá do rio*
que formas não tem:
*morte merdeira/ coisa rúim
de cinza e névoa e cinza.*

4

Lisboa,
30 de Novembro
de 1995.

Devia falar-se antes
desse tempo e não da *rasum tabelae*
em que escrevia, o papel de cera
outro estilete arranha.
Ninguém dele sabe:
Vem o autor à boca de cena e diz:
– silêncio!! *O que é*
quando se morre?/ pois nada diz
o mocho/ morre-se praí.

Aprender, aprender
o que a paixão ensine: *Eu chamo-te
ao papel e vens dançando.*
Aprender a morrer
quando a paixão extermina:
ess'oiro que no sol não fosse muito.
Disso tinhas falado, vamos supor:
*pata já no visgo se atanaza/ um dia que eu
morrer quem é que chamo?/ o 115
não que mal atrasa/
este chumbo cravado numa asa/
a vós acenarei do alto ramo?//
é costelo é açamo cai-se à vaza/
gritar-vos inda mais que só vos amo?*

Melville escreve,
quem não escreve é o escrivão
de Herman Melville.
*E havia Outono? quem diz, diz não:
havia o que não esperas:
árvores,/ altas árvores de coração
amargurado/ e o vento rodopia e leva/
as folhas cegas/
sobre a cabeça do homem
que não escreve. Mas ele, não.
Não escreve, escreve não
este Fernando que do outro,
no mesmo dia, se perdeu.*

8

Lisboa,
30 de Novembro
de 1995.

9

Ninguém dele sabe.
Melville escreve, quem não escreve
é o escrivão de Herman Melville.
– *Bartleby*, disse eu,
chamando-o delicadamente
atrás do biombo.
Cadê?

*Fiquei fulminado.
Por um instante, o homem
do cachimbo fora morto
numa tarde sem nuvens,
há muito tempo, na Virgínia,
por um relâmpago de Verão. À sua janela,
aberta e quente, morrera ele,
e lá permaneceu inclinado
durante toda a tarde sonhadora,
até que alguém lhe tocou,
e ele caiu.*

O CÃO QUE FUMA

(s/ desenhos
de José Mouga)

1

Sob a tenda onde improvisa
A mesma melancolia,
Nocturno aguarda a indecisa
Canção do final do dia.

Na página em branco do sono
O enigma é agora escrever
A sorte que o abandono
Assinalou pois ao nascer.

2

Entre paredes sombrias
Acorda sombras, desperta:
Linhas, planos, esquadrias
Seguem a mão que o liberta.

Rumores brancos, passos, luas
Cercam a noite lá fora.
No enredo estreito das ruas
Longa se apressa a demora.

3

No salto imóvel que a luz
Traz de volta ao redondel,
Persegue a mão que o conduz
À brancura do papel.

Se o chão lhe falta um momento
Sob a fasquia do traço,
Da morte cairá lento
Para o vazio do espaço.

4

Pelo claustro das horas
Distrai a passo a ilusão
De vadiar a desoras
Com a justa condição

De ouvir por si chamar
O nome estranho que o mundo
Gravou nos muros do ar
A negro raso, e em fundo.

5

Atento à voz que a distância
A certa hora aproxima
Instintos solta com ânsia
De cativar quem o estima.

A ser noite já lá fora,
Não tarda que a voz do dono
Rode a chave da demora
E o tire deste abandono.

6

Tentado pelo sobressalto
De ir em frente sem temor,
Por dentro vence, o assalto
Compensa lá p'lo que for.

Se a arremetida frustrar
O que antes fora ousadia,
Na falha há-de encontrar
O que a vontade pedia.

7

Ocupado a tempo inteiro
Na arte de preguiçar,
Abominou ter dinheiro
P'lo trabalho de o contar.

É que a haver ocupação
Na vida que ele quisesse
Talvez fosse maldição
Trabalhar quando apetece.

8

Liberto da condição
De existir encarcerado,
Escuta em sonho o coração
A si mesmo aconchegado.

A manter-se assim ausente,
A sombra que o rodeia
Dará corpo ao que ele sente,
Quando o afaga a lua cheia.

9

O seu destino é fitar
Cara a cara, a solidão,
E perder tempo, esperar
Dias negros, só, em vão.

No súbito abatimento
Da cor, em pano de fundo,
Esfria a cal, o sentimento,
O que lhe resta do mundo.

10

Atido à deixa que o dia
Lhe traz com o alvorecer,
Devolve o ar que o entedia
À pena de ali viver.

No bulício da cidade
Que em baixo estua indiferente,
Sem plumas corre, é verdade,
A raiva que ele desmente.

11

Seguro de que a amurada
O leva onde não pode ir,
Perde a coisa imaginada
Na excitação de se vir.

A dúvida, antes metódica,
Vai de encontro à matemática:
Se a razão é espasmódica
Não é estratégica, é prática.

12

A julgar pelo devaneio
De quem assim se espolinha,
Não há outro remedeio
P'ró que a solidão definha.

O busílis está em saber,
Com estudada precisão,
Se a questão do ser e não-ser
É pura encanzinação.

13

Rendido à flor da linhagem,
Cabisbaixo vai pensando
No que fica da vantagem
De andar assim até quando.

O caso é bom de ver
Sempre que o instinto vinga:
Não dar o braço a torcer
Nem expor o cu à seringa.

14

No espectro frio do espelho,
Que do outro lado o disforma,
A chama fixa a conselho
Do que ao olhar o conforma.

Ao raso estilo do morto,
Que um no outro pressente,
Impõe-se o vago conforto
Que só a morte consente.

15

Prestes a dar-se, convicto,
À mais sã contemplação,
O arroubo é fundo, não ficto,
Embora falto de acção.

É que, apesar da tendência,
Estar por aí para durar,
Não há maior imprudência
Que sair de ao pé do lar.

16

Inda que chegue o parceiro
P'rá partida de gamão,
A sorte o venceu primeiro
Lançando-o em vida de cão.

Por limpo que o jogo seja
Sujo há-de continuar
O destino de quem deseja
Vencer nos jogos de azar.

17

Apossado pelo negrume
Desta amarga condição,
Infausto curte o queixume
Que lhe aperta o coração.

Não vá a *cousa* adiante
Que, em caso de fingimento,
Talvez melhore o farsante
Com alguns banhos de assento.

18

Em flagrante, recolhido,
A sono solto ressona
Quem pelos outros cães foi tido
Como *non grata persona*.

Motivo dessa exclusão
Nem ele sabe qual é,
A não ser o dito mijão
Dos saquinhos de café.

19

Como quem coisa não quer,
Pára, escuta pela calada,
Que a função tanto requer
Orelha fita, afinada.

Se a rusga não detectar
Quem possa armar o banzé,
De olho nele há que ficar
P'ra que não durma de pé.

20

Do chão p'ra baixo não passa!
Que macacoa lhe deu?
Será que o Dia da Raça
Outra vez acometeu?

Se o jeito pega de estaca
Entre a geração mais nova,
Vai ser de cortar à faca,
Quando se der a desova.

21

A pose é de estátua jacente
Ao seu destino entregue:
Deve-a a leitura recente
Do *Uivo*, de Ginsberg.

A postura, mais antiga
É agora, pura opção,
O que ficou da fadiga
De anterior encarnação.

22

Exagera o que assim pensa,
Mas o que há de pensador
Na cegueira que o compensa
É a metafísica do amor.

A ideia, que é dialéctica,
É ainda mais intrigante,
Por isso o prende á patética
Razão prática de Kant.

23

Já farto da compostura,
Que o levava a ter maneiras,
Não tardou que a travessura
Se lhe ajustasse às canseiras.

Só que esta boa-vai-ela
Não peca só por defeito:
Que o sátiro livre da trela
Logo se põe de pau-feito.

24

Cumprindo à letra o despacho
Que os tirou de cuidados,
Aos deuses rendem, cá em baixo,
Devidas honras, deitados.

Deles, e de nós, aliás,
Não será tanta a memória
P'ra que descansem em paz
Nas entrelinhas da história.

O VOO DA SERPENTE

ARTE POÉTICA
H.H.

1

Chega a mão
a escrever
negro chega onde
escreve
chega onde chega
a escrever não

2

Chega ou não
a escrever
não chega onde
chega
escreve onde a negro
escreve a mão

3

Chega em vão
a escrever
negro escreve onde
chega
quando escreve
escreve não

4

Chega então a
escrever
não chega negro
a escrever
mão escreve escreve
escreva ou não

O VOO DA SERPENTE

1

Afastado o vento,
reunido o equinócio
para a ciência do sal,
espera-os a errância
da manhã seguinte
adjacente à descoberta
temporária da ilha.

2

A encomendação
das almas inclina-os
para a frente.
Nada levam de seu
para o périplo
turístico.

3

Pés ao caminho
hão-de descer os trilhos
de montanha, se o freio
do cursão correr a tempo,
de mãos estendidas,
assinalando a chuva.

4

Flutuam ao largo
como cidades
brancas a que a ruína
do fundo roubou
cal às ermidas.

5

Acabado o banquete
com salpicos de espuma,
é vê-los desequilibrar
a fuselagem p'ró lado
do coração.

6

Cheira a orquídea
a duas milhas da costa.
No regresso a terra,
ainda orchestra atrasa
o deck, a libação.

7

Ambrósia só
dos deuses merecida,
prepúcio de anjo,
de ano p'ra ano
em taça jónica,
bebidos.

8

Enruga-se
de pragas a paisagem
na hora em que o enguiço
os amarra ao pez
do ancoradouro.

9

Vem depois a largada:
anéis de marga, vidrilhos
matizados, inocente
cirurgia – zarcão sangrando
água de rosas.

10

De volta ao caniçal
que o acampamento ergueu
no fundo da ravina,
entregam-se à salga e cismam
c'oa viagem de que nunca
mais hão-de voltar.

11

Pelo promontório abrupto
juram ter visto então
cair da lua: um pente de ouro;
extinguir-se a luz numa caveira;
voar um potro em chamas.

| 224

12

O relâmpago de
verão deixou sem fala,
os espectrais ciprestes.
Estarão de volta à noite
os que vagueiam sonâmbulos
pela borda das crateras.

13

Pela madrugada,
montam cavalos brancos;
já não lhes resta o leito
acolhedor. Precisam
de falar com Deus
para morrer.

A ILHA DE JADE

1

De céu a céu
contempla em chamas verdes
desertos de água.

2

Apagados sóis,
veredas com que se cobre
de cinza o coração.

3

De estrelas coroada,
esfíngica repousa a noite
no fundo dos vulcões.

4

Amanhecidas brumas
esbatem pelas cumeadas
a flor do mal.

| 226

5

No dedo frágil os-
tentam o ardor que o jade esfria
à sombra do jasmim.

6

Aromáticos, nocturnos,
pela Festa da Flor esperam
cair em tentação.

7

Contra a nudez
do bosque enfermam
luas, de mel.

8

Esborratam cerros
de água, as cabras que o vento
de lava alcandorou.

9

Ao mar atidos
como lobos fisgam a morte:
o lanço com cautela.

10

Escalando encostas
descem à terra, provam da ira
o oiro dos vinhedos.

11

Enamoradas virgens
loucas, com o fraguedo,
nuas se deitam as ribeiras.

12

Do vale aos cimos,
acordam a luz que a mão bordou
com a fímbria das marés.

| 228

13

Do alto do penhasco
atiram-se ao abismo fazendo-se
passar por cordas d'água.

14

Decapitados pela noite,
ao balcão da baiuca caem
mortos, de sede.

15

Criou Deus a ilha
à sua imagem, e deu-lhe corpo
de baile, e de mulher.

TEMA DO AMOR RISONHO

(ao jeito das canções
de amor no Antigo Egípto)

I

Descerei só, amor
com a minha sombra ao horto
onde a coluna de mármore
me ocultará da noite.
a madressilva, que à franja
do meu vestido se prendeu,
por ti o saberá.

II

Cativo das ondas
do meu cabelo negro, amor
ao espelho de água
roubou, o sono, o alvorecer;
ao cisne,
quando me enfeito,
a brancura do nastro.

III

No meu regaço, amor
o afastamento do meio-dia prolonga
na cal a luz da framboesa.
Deita-te no meu regaço
que já na sombra se adivinha o galope
ao mensageiro frágil frágil
como o bater do coração.

IV

Primícia
aos deuses, o mel silvestre,
que os teus lábios
deixaram no segredo dos meus,
consumaram a dor
de à terra dar como oferenda
o filho que geramos.

V

Com o sete-estrela
a bailar-te no olhar, amor
não tarda que o oiro
se misture com a poeira no deserto
e o timoneiro suba o Nilo,
eternizando a miragem dos que à pressa
abandonaram o caminho.

EFÍGIES

MIGUEL TORGA

Fulgor de pedra
morta

arde

onde a cegueira
dos dedos

principia

JOSÉ GOMES FERREIRA

Sem outro adeus

por Odeceixe
avistou

Ulysses

um dia o mar
em fúria

CARLOS DE OLIVEIRA

Com a noite

em sonho voltam
à Gândara

o assombro das águas

o augúrio da voz

VERGÍLIO FERREIRA

Entre veredas
de água

à terra desce
o corpo

branco

da cal

CORSINO FORTES

Até ver terra

quanto mar
salgado

chorou sal

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Escrevendo escre
vendo mal ch
ama à arena a cor
nada que
o destino traz
consigo

ALEXANDRE O'NEILL

por tudo & nada
ter dito pra inglês
ver em português
caiu em si
foi de vez

DAVID MOURÃO-FERREIRA

Regressa com a noite
à linha de água

essa nudez

que ao engano da luz
lanço a lanço

se perdeu

EUGÉNIO DE ANDRADE

Da luz refém

assim em Delphos
chorou Antinoos

pelo demorado dia

CRESCENTE BRANCO

LUA NOVA

Vem dos confins do mar, ser voz diversa
Do mundo que, em segredo, interrompeu:
Esse poder de unir o que dispersa
O tempo que já antes era seu.

Vem dos confins da terra, à controversa
Pátria servir a lei que a perdeu:
Essa grandeza implícita e perversa
Que o passado em pedra converteu.

Vem com a noite, vem, fixa o momento
Da perda claramente adivinhada
Na frente em que o poema principia.

Vem, sombra de outra sombra, pensamento,
Beleza em cada coisa nomeada
Por Deus, em sonho, num primeiro dia.

De ter esperado a luz por que morria,
Ausência de que nunca regressei,
Na noite perdi os olhos com que via
A paixão que, estranhamente, indesejei.

Enganos que não tive, qual o dia
De enganar-me, fingindo que não sei
Quando começa, e onde principia,
A espera que, em segredo, demorei?

No espelho em que agora se emoldura
O rosto, a cada instante, envelhecido,
Nenhuma dessas sombras é tão 'scura

Como a do amor, apenas consentido,
Da morte que, lembrada, inda perdura
Para além do nome, entre tantos, esquecido.

Lançou, o sementeiro, com rasa mão,
Semente que a terra não medrou.
Porque o quisera Deus, e o tempo não,
Ou à terra foi cuidado que faltou?

Com as aves do céu, vindas em vão,
Tornou a seca que a carestia prolongou.
Quando chegou a chuva, já o chão
Perdido recolhera o que apoucou.

Sem 'sperança de colher, e desfavor,
Deu graças, de acertado entendimento,
Em seu coração pungido, o sementeiro.

Soubera eu, como ele, por um momento
Cuidar de mim, sofrer, pedir à dor
O que tanto esperei sem merecimento.

Para desagravo de amor imerecido,
Que o bárbaro coração tornou cruel,
Mudou o termo, que o dera por cumprido,
Amargo sentimento em doce mel.

O mal querer, ainda antes consentido,
Em bem querer isento de ódio e fel.
O desamor, no tempo repetido,
Em juramento, amável, e fiel.

De julgado réu a justo contendor,
Nenhum engano passou de bem somente
A mero enfado de alma e desfavor.

Para quem ama assim tão nobremente,
Menos cuidados colhe a seu favor
O que de júbilo ama eternamente.

De rio a monte, com feroso passo,
À brida cavalga um nobre cavaleiro.
Com ele corre a sombra o tempo inteiro
Entre abafado céu e chão escasso.

No cimo agreste, conquistando espaço,
Um castelo antigo, fulgente, altaneiro,
Guarda-lhe o trono de velho rei postreiro
Que por vileza impôs lei de ferro e braço.

Não desdenhe o mundo qualquer mero ideal
Que dê bem ao corpo, que dê alma ao mal,
Cavalgando a morte sem se intimidar.

Esse rei sou eu; o castelo, o destino
De quem viveu a vida em desatino
Sem esperança de algum dia lá chegar.

Noites a fio teceu luas, vagas
Luas, o mais prendado enxoval.
Onde deviam nascer rosas, chagas
Floriram, seu desolado roseiral.

Noites a fio dobou estrigas, pagas
A troco de feirar, pobre bragal
De redobradas lides, cismas pressagas,
Lavoura de jornada nupcial.

Deu-lhe Deus alma, afã sem condição,
E um braço, hirto braço imperfeito,
Para servir de guia à criação.

Deu-lhe Deus tempo de morrer ao jeito
De quem, ao enganar o coração,
Fez de si o último oráculo perfeito.

Por nada ter de seu, e nada querer
Do mundo, que à distância o perseguia,
Do tempo fez ofício de viver,
Árduo lamento de horas, noite e dia.

À ordem natural de assim ser
Chamou pois sol, e a Deus guia
Na terra em que de amor esperou morrer
De enlevo, à luz que de prece lhe servia.

Não fora o coração, porém, morada
Da natureza, à qual o olhar divino,
Por obra e graça, deu merecimento,

Que ‘sperança houve por bem ser celebrada,
Senão a que pela força do destino
A seu modo se tornou entendimento?

Com garbo, e apuro, bárbaros, altivos,
Em cegos folguedos querem-se, os cavalos.
Entregues à sorte, inquieta deixá-los
Soltos, ledos, quedos, da fúria evasivos.

Pelo fim do dia, esquivam-se, furtivos,
Volteiam em linha, pela cerca, a intervalos.
Em sinal de morte, prestes a vendá-los,
Persegue-os a sombra de que andam cativos.

Sob a lua nova, que então os vigia,
Dormem ao relento, pasmados, d'encanto.
Pelo alvorecer, a estrela, que os guia

À ordem dos deuses, cobre-os com seu manto,
Deita-se com eles, faz-lhes companhia
Na morte que os abandona em doce pranto.

No enlevo vago, e frio do inverno,
Pelo jardim inquieto de que se afasta a sós,
Um espelho de água fixa entre ela e nós
Florações de neve, recomeço eterno,

Que outro enlevo vago, e frio de inverno,
Prolongou no tempo, moroso, veloz,
Os olhos fechados, acordada a voz
Da criança ardente, o sorriso, terno.

A haver neve, então, só agora o sei,
Com que pressa louca se adiantou o mês,
Recomeço eterno que não mais serei.

Florações de neve colhidas talvez
No enlevo vago em que, por fim, fiquei
Enamorado assim pela primeira vez.

O sol he grande, caem co a calma as aves
Pelo espaço, lentas, vagas sobre a hora,
Vão na acalmia branca da demora,
Ao fim do dia, calmas, ternas, graves.

No vento passam, leves, e suaves,
Branças como o tempo, pela tarde fora,
Caem co a calma as aves, logo agora
Ao fim do dia, calmas, ternas, graves.

Ainda à distância, esquece-as o céu
Pelo horizonte onde esperam ir ter
Levadas como sonhos brancos, breves.

Quando da noite cair o negro o véu,
Hão-de saber então que vão morrer
No fim do dia, calmas, brancas, leves.

Despertam com a sombra, e logo arrastam
Pelo chão, sem pressa, o brilho dos anéis.
Da culpa, de que nunca se resgatam,
Morrem depois mais próximas, fiéis.

Ao pó com que, na morte, se repastam
Juntam convulsas dores, espasmos cruéis.
E frio, o sangue, a luz de que se afastam
Ignora-as sob a folhagem dos vergéis.

Mudadas luas festejam em segredo
O quebranto do bosque, que as perdeu,
Para dar curso ao mais longo degredo.

Não as inquiete a terra, como eu,
Que à hora em que as crianças têm medo
Já a candura d'alma as protegeu.

LUA CHEIA

Esquecida que já morta ainda sorria,
De branco, entre os nenúfares, do lago
Dava às mãos forma de cisne, e ao corpo afago
De enamorado pudor em tarde fria.

Do seio em flor, que a luz esmorecia,
Sobe um rasto de prata, e aroma vago
Embala-a de ausência, o aziago
Luar, sonho de Ofélia, ao fim do dia.

Do leito verde, a ondulação quebrada
Toca a fímbria da saia. Por onde andou
A sombra que com ela quis morrer?

Pela frente pensativa de afogada,
Que o espinho, em silêncio, ensanguentou,
Ergue-se agora, pé ante pé, o amanhecer.

Cesário Verde
in memoriam

Quem algum dia o viu passar sem pressa
A caminho da Baixa, àquela hora,
Não terá dado conta que era essa
A rua que já os passos lhe demora.

Ao fim da tarde, pelo bairro a que regressa,
Em vão procura a casa onde não mora.
Adeus, cidade triste, antes que esqueça,
Adeus adeus passado que o não chora.

Pela janela, aberta sobre o rio,
Singra um veleiro; o Tejo, a outra margem
Ensombram-se, ao fundo, com o anoitecer.

Mas cuidado, noites gélidas, que o frio
Veio agasalhá-lo, por fim, na viagem
Que então iniciam p'ra depois morrer.

Quis a deriva que o rumo fosse ao jeito
Da sorte a que devia regimento.
Ao mundo, mais por excesso que defeito,
Acrescentou dobrado merecimento.

À ordem natural, nunca afeito,
Doou, como recompensa, sentimento.
De acasos, vencedor, nunca refeito;
De paixões, vencido, por consentimento.

Quis o exílio que, da vida, renegado
Conhecesse a dor sem ódio, e a condição
De experimentar o que é ser condenado.

Não soubesse, à nascença, o coração
Em que luz teria o homem confiado
Para pôr fim de vez à escuridão?

Quebra-se como onda na amurada
A sombra que pela noite me procura.
Da parte que em mim erra, naufragada,
Perfila-se, de branco, a desventura.

Do sonho ergue-se, em ânsia desejada,
Olhos abertos, lívida, imatura.
O que se adivinha ser, engrinaldada,
A morte que a lua alta desfigura.

Esquecê-la vagamente por instantes,
Vê-la precipitar-se, sumir na espuma
Dos recifes, profundos, abismais,

É tudo quanto quero, não sem antes
Esperar que, na manhã, o céu de bruma
Nos devolva a razão de ser mortais.

Luis de Camões
in memoriam

Deram-se ao largo as naus, e o vasto oceano
Em linha o conduziu ao Oriente.
A lei que o castigou com rude dano
Em mágoa converteu a pátria ausente.

À uma, os deuses o deram por insano,
E a tantos igual, entre perdida gente.
Um século lhe pesou o exílio, cada ano
Passado sem futuro nem presente.

Quis o destino que a Obra se fizesse
Sem 'sperança de algum dia triunfar
Longe do engano, e do amor, que a fez nascer.

Ventura que, sem glória, o império tece
Só a que Deus, por fim, confia ao mar
Ao ter chegado a hora de vencer.

Pela ilha leda em que fatal nasceu,
Rondando abismos que o mar espia,
Negro corcel cavalga, noite e dia,
Um rei que no seu castelo enlouqueceu.

Da grandeza que, em tempos, conheceu,
E da vassalagem que o povo lhe devia
Persegue agora, da luz, a sombra fria
Na terra onde já nada então é seu.

Se ordens quiser dar, não tem ninguém
Que lhe obedeça ou que o possa servir
No reino em que de si se fez refém.

Pudesse ele, uma vez, dali fugir,
Leve seria a pena que o detém
Na ilusão de outra vez poder partir.

Camilo Pessanha
in memoriam

Frente ao mar, imóvel, que ao fundo anoitece
Fixa o oriente de um país perdido.
Que estrela distante outro império tece?
Que destino incerto o dá por vencido?

Da luz fatigada, que o tempo não esquece,
Traz-lhe ardor o sal, e o luar ferido.
Ondas, passai que, à mais antiga prece,
Não voltará amor desiludido.

Para trás ficou o cais que o viu partir,
O céu baixo de outono, o casario, Lisboa,
A despedida de um lenço pelo convés.

Chorai, águas do Tejo, deixai-o ir
Que todo o coração que não perdoa
Há-de pois um dia vir morrer-lhe aos pés.

*De tanto que nos pode acontecer,
A poucos dará o mundo prestação
Do frio assombro, da arte de morrer
Que faz parar a tempo o coração.*

*De assim deitar os dias a perder,
De tudo, e nada ficar do sim, do não,
Que leva cada engano a percorrer
A hora que vai de nós à solidão?*

*Fosse outro, porém, o vago merecimento
Da dor, que o sangue apressa devagar,
Sem que o quisesse, de novo, o pensamento,*

*Todos os rostos voltariam a passar
Pela eternidade, que é esse momento
Em que um homem só olha para o mar.*

Com a mais ligeira sombra da floresta,
Teceu, Sarastro, o longo véu nocturno
Que Pamina, a cativa, usou na festa
Em que ele fez de rei mais taciturno.

Para além dessa absoluta escuridão,
Que a Sarastro trouxe infelicidade,
De nada lhe valeu a servidão
De quem apenas ama em liberdade.

De todas as mulheres, nenhuma quis
Senão a que, tornada prisioneira,
O prendeu a ele, como fronde à raiz.

A não ser que a terra isso não queira,
Só a morte cura sentimentos vis
Inda que a dor perdure a vida inteira.

Caiu a noite agreste, e a lua cheia
Ronda agora, em silêncio, a casa pobre.
Na mesa que, lá dentro, o luto cobre
Expira a chama, pouco a pouco, na candeia.

Na pedra exígua, o que ficou da ceia.
Do lume, tange a cinza o mesmo dobre.
Ninguém deplora a fome, talvez sobre
Parte do que tocou à dor alheia.

Quase ao nascer do dia, pelo umbral
Passam a esmo o cajado, e o redil,
Correr de sombras, ou só cuidados seus.

Com o rebanho a monte, escasso bernal
Leva o pastor, atónito, febril,
Prà hora rude do derradeiro adeus.

Muito merece, muito vos mereço
Oh quão imerecido sentimento!
Por actos, por palavras cujo apreço
Tão logo certos vi no entendimento.

Do que sei, e não sei, ou só conheço,
Em tempo de alterado regimento,
É que o verbo se fez verbo, e começo
Do mundo que tomei por fundamento.

Com pouco engenho, com menor discurso,
Tentadas formas, estilo, linguagem
Por conta experimentei, ao que parece

Porque, de tanto às coisas não dar curso,
Merecer a vida deixou de ser vantagem
Para quem tudo perde e tudo esquece.

QUARTO CRESCENTE

Se tudo está em tudo desde a origem,
E da terra, a criação, número perfeito,
Com o mundo se parece por defeito
Das regras que, em excesso, a corrigem;

Se tudo está em tudo, e à vida afligem
A ventura e a cansa de que é feito
O amor, que a natureza, bem ao jeito
Da morte, coroou, de sossego e de vertigem,

Que 'sperança inquieta, que perdição acalma,
Quem, de contente, sofre, e em pensamento
Vive, ao engano, a dor que lhe vai na alma,

Dando, assim, por justo merecimento
A mágoa que, em ardente busca e calma,
Incendeia de frio o sentimento?

Corta, a garça, a montante, o som cavado
Do rio que, em tumulto, a escarpa estreita.
De perto, seguem-na a luz, a terra eleita
Que os deuses sonharam no passado.

Na fuga leva o dia, o alongado
Verdor das vinhas na manhã perfeita;
E, do ouro, o ouro, que a obra feita
Prende-a o mundo ao chão acorrentado.

Com o cansaço esgota-se a leveza
Da asa tensa que o cachão estonteia
De claridade fria, e céu ardente.

Antes da noite, no pico da beleza,
Há-de esquecer-la a morte, e a lua cheia
Já então perdido o rumo das nascentes.

Mostrai-vos, claras agoas, tão sentidas
Por não dizer às margens que vos 'streitam
Quão tristes são as mágoas consentidas
Que, entre céu e terra, ao mar se deitam.

As sombras ficam, dadas por perdidas
Pelos arvoredos onde as aves se deleitam.
Eu, a braços com cautelas desmedidas,
Em luta com os medos que as enjeitam.

Mostrai-vos, claras agoas, remansosas
Que, de mostrar-vos, voltarão sinais
A encapelar de vento as bonançosas

Vagas que no meu peito conservais
Como cavalos que, em várzeas brumosas,
Hão-de andar soltos à hora em que passais.

Depois de regressada sem se ver
No espelho de água que a manhã vidrou,
Tem agora mais espaço para morrer
Da luz que a natureza cativou.

Quem pelo bosque a procura há-de dizer
Que a não viu; do lugar em que ficou
Partem caminhos que deitam a perder
O tempo que ainda não passou.

Não andassem aromas e matizes
No encalço dela, e segredos de raízes
Na terra a preparar as estações,

Pediria a ladrão que ali passasse
Que de um golpe, de um só golpe, trespassasse
Não já apenas um, mas dois corações.

Trocaram-me, os enganos, o caminho,
O andamento, o compasso, e a vantagem.
Por tudo querer, em cruel, agudo espinho,
Tornou, a dor, o anseio da viagem.

Na fuga, veio a fadiga, o desalinho
Tolher o desengano da passagem.
Como gota de sangue em puro linho,
Desfigurou-me a vista a outra margem.

Eu tinha pressa ainda de chegar,
Onde, não sei, no aperto de vencer
A distância que vai de mim a mim.

Mas coração de velho não sabe esperar,
Mesmo que o queira, de voltar a ser
Arrastado passo em álea de jardim.

Ainda não é noite, e já pelas ruas
Descobre, o casario, um céu de águas paradas.
Pelos estendais de lãs cordas nuas
Batem peças de roupa nas fachadas.

No interior dos pátios, vozes cruas
Agitam sombras mortas, assustadas,
De velhos, cães, crianças, gatos, luas,
Mal dormidos por saguões, desvãos, escadas.

Com o passar das horas, os mais decididos
Escalam a cidade, procuram, perdidos,
Que por benfeitoria não lhes falte sorte.

Queira Deus que a vida, ao balcão de um bar,
Num golpe de mestre os leve a escapar
À navalha de aço e, por engano, à morte.

*Se eu pudesse saber o que em mim vai,
O que, sem ser origem, de outra origem
Vem, e porque vem, logo em mim trai
O que antes fora apenas só vertigem.*

*Oh, pudesse eu saber como se esvai,
No tempo, a sombra vaga com que fingem
Deixar-me entregue a mim, ao que distrai
Da morte que, entretanto, nos infligem.*

*Que mo não diga o sangue que, até ver,
Não desmerece que o saiba o coração,
Tornado escravo da dor que o faz bater.*

*Que mo não diga a vida, com razão
Que é intento da morte amor perder,
Quando for tarde já para dizer não.*

De que outro amor então, amor, me falas
Quando tanto querer me desobriga
De querer-te, de querer-te, e tu te calas
Nesse jeito de outra vez ser rapariga?

Com que luz calma, amor, assim me embalas
E me cegas de paixão, amante, amiga,
De paixão, tal a escusa de esfolhá-las,
Rosas de inverno, ou só canção antiga?

Que o não saiba a noite que aí vem,
Pé ante pé como a sombra do caminho,
À hora em que ninguém vai a passar.

Que o não saiba eu, amor que a morte tem
Pressa, e arte de matar, devagarinho,
Quem ao partir, à noite, quer ficar.

Quando, no céu, por fim, o luar de prata
Rendeu a noite e, em cada torreão,
Entre aromas de sândalo e colunas de ágata,
O azul-esmeralda de Qaf cobriu o chão,

Às mil fortalezas ordenou, sem data,
O rei que, retirada a guarnição,
Para cumprir sua vigília ingrata,
Só um ano depois voltasse, ali, então.

Trocou, o rei, o palácio pela trincheira
Donde Jabalqa e Jabarsa se avistavam
Guardadas, por amor, a noite inteira

E, sem se revelar, aos homens que as cercavam
Jurou morrer com elas na derradeira
Batalha por que, ansiosos, esperavam.

Vai de partida, com pluma e colares,
A mais louca rainha, que o deserto
Escolheu para, do céu, ficar mais perto,
E em nenhum, e todos, os lugares.

Da imóvel cabeça, dois bandós, aos pares,
Dão-se em folhas d'ouro, por escrutínio certo,
Aconselhando a morte, em livro aberto,
Alguns discretos venenos similares.

Sob o vestido azul que, das ligaduras,
O olhar então retira à divindade,
Curto punhal a afasta das alturas.

Sempre que ali passa, com ar triunfante,
Seus cavalos incita, com fegosidade,
Entre pó e cardos, o jovem amante.

A braço austero vão, os remadores,
Sulcando o Nilo, da terra até ao mar.
Aos deuses, de que se julgam servidores,
Rendem furtivo culto em seu lugar.

No auge da toada, perscrutam, vingadores,
A insídia que, do fundo, os vem tentar.
No pulso aberto suportam menos dores
Que na abertura da boca ao despertar.

Contra o ar pérfido, árido e letal,
Perseguem, com fervor, o achamento
Do mundo de que são sombra real.

De rins cingidos, fixam o momento
Em que o olhar, cínico e mortal,
Há-de ferir de morte o pensamento.

QUARTO MINGUANTE

Ela é a que passa a caminho do rio,
O assombro da noite no olhar transparente,
Em já rompendo a bruma, a mão dormente
Agasalha-a, serena, não lhe toque o frio.

Os pés descalços, o semblante pio,
Com a alva despertam, lentamente.
Acordá-la? O que ela vê, o que ela sente,
São um correr de lágrimas a fio.

Do negro cabelo solto vai um passo
Ao chão, que a conduz, ao seu destino,
O de morrer de amor num só abraço.

Quem desejasse o seu corpinho fino
Mata-la-ia, em sonho, de cansaço,
Que as açucenas têm sono de menino.

O tempo lhes deu nome d'esquecidas
Antes mesmo da cor as querer lembrar.
Rosas de inverno, frias, esmaecidas
De sonho, vago ainda, por sonhar.

Recém-cortadas, na manhã, floridas,
O agudo espinho pronto a picar;
À tarde, mortas, já da luz vencidas,
Não fossem rosas, rosas de tocar.

A ser verdade que, do mundo, a criação
As deu por bem à terra, como as demais,
Bravas, branco sinal de estimação,

Que vento as quis, então, para si iguais
Quando indiferentes, perto do coração,
Morrem de amor assim para nunca mais?

Da terra teve a luz, e a noite, e o dia,
A sombra do que fica no olhar:
Orfeu que, de amor, já então morria
No instante em que Euridice ia a passar.

Do mundo teve o ardor, e a alegria
De quem vence a distância ao caminhar:
A estrela d'alva, a sina, a travessia,
A partida e o desejo de chegar.

Do abismo teve o céu, da música a paixão
De morrer em silêncio até ao fim.
Da arte teve o corpo, do ofício a mão

Para dar forma, e destino, ser enfim
A criança infinita desse verão,
De sonho em sonho, só, crescendo assim.

Pelas ruínas do eremitério abandonado
Esvoaça a medo um rouxinol aflito.
Do inverno, o triste sol, raro expedito,
Fere de morte a destreza no silvado.

Do escombros, frio, ergue-se o trinado
De quem canta o amor trágico, infinito,
Esse pequeno assombro assaz contrito
Que ao dia se apresenta já passado.

Sem descanso, sem norte, sem destino,
Toda a manhã andou de si esquecido
O passarinho que o erno fez refém.

À luz da tarde, vencida, em desatino
A fêmea que o procura acha-o perdido
E morre, não já por ele, mas por ninguém.

Expôs, Inês, o triste coração
À crua morte, que a manhã perdeu,
E logo o claro dia escureceu
De a ver morta d'amor, e maldição.

Bem fora de cuidar dessa ilusão,
Que em desassossego converteu,
Quisera a impiedade, que mereceu,
Culpá-la sem de culpa haver razão.

De a não servir, deixou-se a natureza
Morrer de mágoa, e dor, em si bastante,
Para de terra cobrir tanta vileza.

Não fosse desamor a luz do instante,
Nem o mundo saberia que a beleza
É, às vezes, a estrela mais distante.

A Aónio trouxe, a rede, por engano
Uma adaga, que não devia guardar,
Pois que, retendo-a, podia então o mar
Persegui-lo com fúria e perda e dano.

Dos que o deram, de resto, como insano
Por algo querer dos deuses ocultar,
Só um marinheiro a rede ousou lançar
Sem medo de a colher mais dia ou ano.

Aónio, o pescador, ficou em terra
Não disputando por bem a primazia
Da adaga inda uma vez poder achar.

Paixão que de si mesma se desterra
É morte que nenhum luto alivia,
É luto que só a morte há-de curar.

Aquellas esperanças q eu, metido
A tormento, gravei sem o saber
Na pedra a que o meu peito endurecido
Juntou seu não querer e o bem querer

De quem por vencedor se deu vencido,
São hoje o que antes foram, parecer
De alguém que anda de si tão dividido
Que antes quisera deixar-se enfim morrer.

Aquelas 'speranças sem vida, sem cor,
Ensombram o que em tempo de alegria
À terra escura dera mais fulgor

Que o alvorecer, branco, do dia
Quando da alma o mais ténue rumor
Leva consigo a dor que as perseguia.

Quatro luas passaram sem que a dor
Em sonho me revelasse a solidão.
A noite, que a trouxera, por amor
Bastou para merecer a servidão.

De véspera, ainda o silêncio, de fulgor
Mais puro que a luz da provação,
Voltou a ser, na morte, desamor
Ao retirar da terra o coração.

Levou-o o Novembro frio, sem adeus,
Depois de já cansado, cada instante
O ter deixado para trás pelo caminho.

Dos cuidados de outrora, há um dos meus
Que é cuidado dele. Mais adiante
Saberá porque vou então devagarinho.

Por mais vil que da hiena o riso exorte
Ao terror que a memória em si guardou,
Que terra há-de ser túmulo, há-de ser norte
Do olhar que o silêncio amortalhou?

Volte de novo a lide à enxada, a morte
À chaga que a jornada cancerou.
Volte o algoz ao cárcere, o pulso ao corte
Do instante que o cristal ensanguentou.

Por mais sombra que a luz lance ao caminho
Anunciando à próxima jornada
O dia indecoroso da paixão,

Jamais à boca o fel, ao sangue o vinho
Hão-de fazer com que a hora iniciada
Ouse deixar bater o coração.

Tudo então passou sem que a alegria
Voltasse a ser, da terra, chama ardente.
Da paixão, ardor primeiro, claro dia;
Da morte, infinda noite, amor ausente.

Da tristeza, que em nenhum lado principia,
Vontade de, à distância, estar presente;
Da solidão, a dor, estrela tardia,
Que a incessante manhã tornou ausente.

Para que não esqueça, a alegria mais lembrada
Não é a que ficou ou que há-de vir
De forma nunca antes começada.

A alegria, seja a sério ou a fingir,
É, da tristeza a hora adiantada,
A hora de ficar, sempre, ao partir.

A quem não fará crer qu'he tu do hu vento
A adulação que encoraja a serventia
Que o poder recomenda no momento
Do voto a que se atém com primazia?

A quem não fará crer qu'he tu do 'spavento
O que se presta, e não presta, a mordomia
Apesar da charanga ir a contento
Do muito que por pouco se enfastia?

Mal-entendida não seja a voz solerte
Que a todo tempo em andas se passeia
Entre afamada gente e principais.

É que, em boa verdade, o que diverte
É ver como o país já não receia
Que deixem de falar os animais.

ARTE DE PERDER

A CASA BRANCA

Na terra onde só agora principia
A noite que já era alvorecer,
Todo o seu tempo foi primeiro dia,
Todo o seu dia tempo de nascer.

A estrela que o distante céu esfria
Cinge-lhe a fronte; longe de a perder,
Leva-a pela mão o anjo que a seguia
De perto, até à hora de morrer.

Quis, então Deus, ouvir de sua voz
Que amar a vida, sem outro sinal,
É entretanto o modo de não estarmos sós,

Mesmo quando a morte, por outra razão,
Esquece, em vão, que a dor é quem afinal
Traz de novo a luz ao nosso coração.

A luz da casa, fixa, o gravador,
Os contornos da sombra a que regressa
O dia que, pela tarde, perdeu cor,
Demora de outro ofício que começa.

Do assombro das mãos, vago torpor
Leva ao limite a noite antes que esqueça
O que deixou à vida, e se fez dor,
Princípio só depois feito promessa.

Dado a lidar, com sábia paciência,
A espera que dele exige, a gravação,
De véspera invoca o fogo tutelar.

Do sol chega-lhe a altura, e a cadência,
O ritmo, com o bater do coração,
Vem-lhe dos deuses, da volúpia, do ar.

Com o arco de crina de cavalo,
Prolonga, o contrabaixo, a condição
De o mundo o tempo todo ter à mão
E poder, a todo o tempo, deplorá-lo.

Em querendo tanto a si afeiçoá-lo,
O instrumento é, de resto, a perdição
Com que as cordas embaraçam o coração
E o braço chega, por fim, a sufocá-lo.

Conquanto se desconheça o dia, a hora
De voltar a Deus, à luz primordial,
Sempre longo é o tempo da demora

Para o que deu, de modo natural,
O muito que, por bem, se fez penhora
Do pouco em cada instante original.

Caminham de olhos fixos na paisagem
Que o tumulto lhes tira da visão.
Da sombra que os persegue, só o chão
Prolonga, em fuga, o termo da viagem.

Ao abismo, lançam o resto da estiagem
Que a lide agreste, ali, deixou à mão.
Fechado o casario, ninguém virá então
Cavar a terra que semearam com vantagem.

Na jornada, a seu lado, segue a morte
Que os dobra pelo joelho, e logo os nega,
Sem pena, sem perdão, assim, à sorte.

No rancor, na condição, espera-os a entrega
Mais rude, a servidão com que o desnorte
Os atira contra nós, cruenta e cega.

Na esteira dessa quimérica viagem,
Em que embarcou sem nunca ter partido,
Com a glória de Deus, do reino, da linhagem
Cumpriu mais do que lhe fora consentido:

Plantar naus, descobrir céus, levar vantagem
Sobre os que do perigo o quiseram demitido –
Papado, fidalguia, marinhagem –
Enredos em que a tormento andou metido.

Do oriente que de si o afastava
É que não foi capaz de se manter
Distante pela fé que o império dilatava.

Vencendo o que havia para vencer,
Nunca cuidou que a estrela que o guiava
Era a mesma que o cegou até morrer.

Juram amor, por certo, os olhos castos
Daquela que mais ternura merecia.
Da solidão nocturna, em tons já gastos,
Resta-lhe a dor enfim por companhia.

Sentada, à mesa, os ruivos cabelos vastos
Juntam à tarde o ardor do velho dia,
Que o matizado negro da saia, a rastos,
Da luz morta compõe, e fantasia.

Fica o retrato, Le Tambourin, mais só,
E o cigarro que alguém há-de acender
Para evitar que a mão a tempo esqueça

A cinza de que o irreal fará pó,
De-arroz, até à hora de morrer,
E a vida mais então do que promessa.

Todo o lance é fortuito, quando não
Dispõe para a perda o novel jogador,
Mesmo que lançados os dados sem temor
Salvem o rei da ira do peão.

Os deuses sabem ser essa a razão
Que defende em causa-própria o defensor
Quando se entrega a ela com ardor
E a ideia de vencer é, pois, questão.

Mas se o que perde também ganha, e derrotado
Passa, depois de vencido, a ser eleito
Aos olhos do vencedor considerado

Ninguém se vanglorie do proveito
De ganhar o que não pode ter ganhado,
Jogo cifrado sem regra nem preceito.

Do assombro com que, então, em movimento
Suspende o corpo, o ar, como uma lança,
Só a luz fixa, a tempo, o que a mudança
Inicia depois, cada momento.

Consigno leva a sombra, a passo lento,
O espaço todo, o arco em que descansa
Imóvel, como um deus, até ser dança
Noutro lugar, noutra consentimento.

Para onde segue a frente, segue o olhar,
Longo rodeio, ou modo de se ver
Ao espelho, assim parado, cegamente,

Não tivesse nascido para matar
Quem, por amor, um dia, há-de morrer
A si mesmo abraçado, e nu, incandescente.

Quais águas derramadas que na terra
Acaso ou leito jamais saberão juntar,
Morreremos com a dor que nos desterra
De nós, e em nós, enfim, há-de ficar.

De me perder, a parte que em mim erra
Volta, cruel, à forma de agravar
A pena que, a seu tempo, engano e guerra
Tinham achado por bem não prolongar.

Como águas derramadas, à deriva
Buscaremos, de nós, esse correr
Sem pressa que nos invade estranhamente.

Não fosse a luz da alma luz esquiva,
Sombria mágoa até à hora de morrer
Só assim poderia ser cavalo, ser serpente.

Vergine madre, figlia del tuo figlio,
Origem do que nunca principia.
Primeira luz da terra, novo dia
Que então começa, *figlia del tuo figlio.*

Bendita, entre as mulheres; na dor, auxílio
Do homem que já o Verbo em si cumpria.
De Deus, mãe, que pela graça concebia
Amor mais puro, *figlia del tuo figlio.*

Não fosse a morte bem-aventurança
Do mundo que o calvário redimiu
Pelo sangue, na agonia, derramado,

Jamais a redenção seria a lança
Que o abandono infinito consentiu
Trespassasse o peito de teu filho amado.

Dos que, em Patmos, tiveram a visão
Só ele pôde ver Deus, seguramente,
Pois que a um olhar terreno, penitente,
Nunca é demais o que vê o coração.

A graça que é, do amor, adoração
Toca-lhe a fronte ao alto incandescente.
Do manto que o protege à sarça ardente
Percorre a luz o instante da oração.

Porque deixou o mundo, e logo sentiu
Da rude sede, a fera, enraivecida,
Que o bárbaro deserto depôs ali,

Com os olhos verá o que previu:
A imagem infinitamente repetida
Do rosto, então, de Deus perto de si.

De todos, apenas um seria, então,
Da hora sexta, o seu último dia:
O tempo que lhe fugia do coração,
Sobre ele feito ontem, agonia

Entre rolos de fumo, o único senão
Vinha da parte do que em si trazia:
O corrido, raimoso, desleal poltrão
A que o Império Astral o reduzia.

Dói ver fingir, por um pouco mais d'azul
Não ser além, ficar de mal consigo,
Ser dúbio mascarado, mentiroso

Sem norte, o falso atónito que a sul
De si fez rei-lua, posição, sem-abrigo
Dum crime, quase perfeito, venturoso.

El tiempo paffa en vano, há hecho afsiento
Na canseira a que me entrego por instinto,
Real como a mentira que sustento,
Fingindo ser verdade o que não sinto.

Proscrito, sigo-lhe o rasto, a contento
Do nada que é tempo já extinto,
Passado instante, ferido pensamento
Em que me perco de medo, quando minto.

Da parte que em mim sente, cruel suspeita
Da morte que, a cada hora, me visita
E, em parte, o corpo gasta e a alma enjeita,

De volta ao dia em que parece infinita,
A noite que, pouco a pouco, a vida estreita
Ao ponto de a tornar quase maldita.

Na hora da jogada, cortam certos,
A voz que a mão suspende, por instantes.
Depois, farão o que fizeram antes
Do azar os iludir, de olhos abertos.

Na cartada seguinte, voltam, incertos,
A dar-se por felizes aos circunstantes
Que deles esperam, sofridos, radiantes,
O lance que dita a sorte aos descobertos.

Para fugir à lei do desatino,
Quis a fortuna ter, por aliado
Da noite, o dia que, sem qualquer razão,

O jogo entendeu como destino.
O acaso, improvável, mesmo odiado,
Nunca obedece às ordens do coração.

Três coisas, digo, quatro, sabe ver
Aquele a quem o mundo não desvela
A verdade que Deus vê, antes de ser
Mistério do que em tudo se revela.

Da águia, o voo altivo, o seu poder
De cruzar os céus, voar, voar, ser ela;
Da cobra, o rasto; e os se hão-de perder:
O rumo do navio; o que ama, pela donzela.

Três coisas, digo, quatro, mais talvez
Fazem tremer a terra a que viemos
Morrer de coração abandonado.

Das que arruínam, orem, de cada vez
Que a terra treme, só então a que não demos
Por perdida trai o amigo abandonado

NAU PRETA

Que a luz não seja treva; a voz, ausência;
A ordem, caos; sombra, aparição.
Que o Espírito de Deus revele então
O que de nós ficou noutra existência.

Que não seja, o mundo, exílio; a dor, experiência
Humana; depois, infame servidão.
A morte, origem; a vida, rendição
Ao que antes de não ser foi permanência.

Que as águas, entretanto, separadas
Corram livres, e as una o firmamento
Sobre a terra a que viemos de passagem.

Que ao Verbo voltem as coisas nomeadas
Por quem, um dia, em sonho de alma, e tempo
Amou o que foi criado à sua imagem.

No estádio entram nus, determinados,
Aqueles que a morte quer vencer,
O Olimpo pára, espera vê-los correr,
Desde o início, mantem-nos vigiados.

Dos deuses, um por um, assinalados
Levam com eles o facho que não-de erguer
À chegada, inda que tenham de morrer
Sobre a linha que os deixou distanciados.

Consumada a corrida, todos estimam
O que primeiro mereceu da divindade
A laureada primazia entre os demais.

Ao podium sobe, todos o confirmam,
O que, fadado pela estrela, na verdade,
Venceu a lei que os condena a ser mortais.

Do seio da volúpia tirou, Sócrates, o mestre,
Alcibíades, o seu discípulo amado,
Outro seio lhe oferecendo, recomendado
Dos deuses, não fosse a indignação terrestre

Abandoná-lo à condição campestre
De Ulysses, para a epopeia conquistado
Por feitos, feitos por alguém predestinado,
Em tempo de infortúnio, rude, e agreste.

Passado o incidente, a bonomia
Voltou a ser, entre ambos, o que era
Nas tardes gregas de cada novo dia,

Quando entre mestre e discípulo não impera
O que ao mundo falta em primazia
E, à razão, a luz que a desespera.

Contra o céu curvo, espia, o falcoeiro,
Da presa, a sombra baixa a que se presta
Para morrer depois, de ardor primeiro,
O dia é então a hora que lhe resta.

Do punho esquerdo, cego, pegureiro,
Voa o falcão cruel que, de garra lesta,
Caído o caparão, o penacho guerreiro,
De cores vivas, inflama o ar de festa.

No bornal verde, o tornel, o alicate
De unhas, o frist-frast de asa que lhe alisa
As penas, aguardam outrossim a ocasião

De que culmine em grande o fero abate,
Seja fatal o golpe, e a dor precisa,
Como agulha d'aço directa ao coração.

Da arena sai em ombros, festejado,
O matador que a praça tornou seu.
Teve-o o touro à mão, posicionado,
Para a colhida que o ferro suspendeu.

A virgem, a quem rezou, aficionado,
Da hora extrema, por pouco, o protegeu.
Morderia o pó, e Quixote, esfarrapado,
Lá iriam boda de prata & jubileu.

Com a cabeça a prémio chega a vez
Da corrida nos impor a condição
De fazer frente, o garbo e altivez,

A morte anunciada. Por essa razão
Não faltará quem, às duas por três,
Pense que ser ou não-ser não é questão.

Porque nada parece, quero dizer
O nada que alguma cousa sempre diz,
É que, chegada a hora de morrer,
Muito pouco foi tudo o que se quis.

Muito, não digo, o que havia a fazer,
Disse-o ele, aliás, com ar quase feliz,
E, acrescentou, enfim, pra se saber:
Fumar a vida eis o que, na vida, fiz!

Fumador, fumador por profissão
De tabaco d'enrolar, assim, sem pressa,
Comprado em quiosque de estação,

À mesa do café, antes que esqueça,
Tabaco louro que, por qualquer razão,
Fica em cinza nos dedos, isso qu'interessa!

Depois de a fria espada erguer, cruel,
E o grande abismo as terras devorar,
Compadeceu-se Deus da casa de Israel
E de Amos que, em sonho, a viu precipitar.

Por Sua vida jurou morrer fiel,
Levando o fogo, em linha, para o mar.
Dos lugares altos chorou sobre Betel
As nações que não aceitou ver separar.

Pôs-se o sol ao meio-dia; a lua, exangue,
Cobriu de pranto os campos já ceifados
Pela mão infame da anjo vingador.

Tremeram os umbrais, não parou o sangue
De correr contra os que ao mundo condenados
Nunca os filhos geraram por amor

Nada disseram os que se condoeram
De Job, na provação, longa, e nefasta.
Sem proferir palavra, como ele, sofreram
A perda que, de Deus, só deus afasta.

Dos dias que, um a um, tanto esqueceram
E em lamentação, tremenda e vasta,
O mar e a terra em treva converteram,
Nenhum como o primeiro assim devasta.

Porque perseveraram firmes na desgraça
Que, imerecida, sobre o justo se abateu,
A Tenan, a Suás, a Naamat, logo então

Elifaz, Baldad e Sofar, voltaram em graça
Reconhecidos por sentirem também seu
O amor de quem não trai o coração.

Enquanto no olhar declina o que ficou
Da floração de luz que o dia breve
Em sombra converteu, só a mão leve
Confia à água a voz que se apagou.

Das viagens que não fez, tudo passou
A ser matéria fria, esperada neve
Apenas pressentida, como de si escreve
Quem à vida a seu tempo regressou.

De que alegria eterna, glória infinita,
Só Deus o sabe, e as rosas, seu esplendor
Que, não sendo sonho de ninguém, floriram

Sempre, no Inverno de Roma, a mais desdita
Das cidades com que na morte o desamor
Venceu os que sem adeus se despediram.

A nada obedece, é rei; como os demais
Paga tributo à morte que não vence.
O que então a si jura não é mais
A apelação absurda que o convence.

Na deriva nocturna, os esponsais
Apoucam-no, do porte incrível, castrense,
O arrebatamento constante; as cores reais
Roubam-lhe a sombra a que já não pertence.

Pelo descampado desse Al-Kebir, infesto,
Procura em fuga, agora, a turba humana
O que ficou do assombro, feito arresto

Da pátria que, abatida, até ao fim
Adiante de si foge, e louca, insana,
Em espectro anda a monte ainda assim.

No chão escabroso, e raso, da floresta,
A ímpia besta atacam, os mastins.
Das *Très Riches Heures du Duc de Berry*, só esta
Destrona o real folguedo nos jardins.

Sob o céu baixo, que a liturgia empeste
De sons, de fúria, de imprecações afins,
Em contenda bárbara, matilha menos lesta
Mais sangue espalharia pelos mesmos fins.

A trompa, todavia, não suspende
A lancinante angústia com que a fera
Escabuja, apesar do seu abatimento.

Longe da cena, que só o desvalido entende,
Sempre o *Mês de Dezembro* foi de espera
Do que em nós se torna vil entendimento.

De luto, posam, já mortas, as regentes,
Que a mão do anjo, a frio, retocou.
Na lividez nocturna, os olhares dementes
Fixam o assombro que, em sonho, as visitou.

À frente a que coroas influentes
Deram brilho, de véspera regressou
O tumulto dos cavalos, frequentes
Batalhas que a regência não logrou.

No reino que lhes cedeu a primazia
Do trono que ocuparam, por engano
Regem, agora, a preceito sem mania,

O tempo com que a morte, cada ano
Compensa, em vão, de resto, noite e dia,
Quem antes dera o mundo por insano.

Barqueiro de outro rio; indesejado
Caronte, ó morte, a braços com o dia
Que lhe resta. Na longa travessia
Aos deuses, sem perdão, abandonado.

Barqueiro de outro rio; assombrado
Caronte. De que céu, de que ousadia
Refém, ó sorte? A luz que o indicia
Às brumas o dará por regressado.

Prende-o a noite ao leme; o esquecimento,
À estrela que o destino ledo estreita,
Sem pressa de varar o coração,

Que o incerto naufrágio, num momento,
Afundou à deriva em terra eleita
Por amor não por obra da razão.

Por ocasião do fim, virá o vento
Semear a terra que o ócio não lavrou.
O que observa não semeia alento
E perder a mão, a Deus, nunca agradou.

Por ocasião do fim, virá, a contento,
Colher o que a semente não logrou.
O que observa não colhe, fica isento
De cuidar do que a terra lhe entregou.

Não têm, o sábio, à direita, o coração
E, à esquerda, o insensato, em desacerto
Com a ordem do mundo, e a loucura?

Façam sentido, as palavras, ou não,
Para o sábio, todo o bom-senso é desconcerto;
Para o insensato, peregrina desventura.

No jogo até à morte disputado,
Prolonga o lance a mão que o destina.
Jogado a dois, por ambos desejado,
Nenhum deles saberá quando termina.

Para que possa, enfim, ser terminado,
Em cada um cesse a chama que os anima,
Terá Deus de consentir que o derrotado
Ignore que ordem cruel o determina.

Por mais que pese a sorte ao que a tiver,
Dir-se-á que de pouco serve ao vencedor
Ganhar porque alguém assim o quer.

No fundo, vale mais ser perdedor,
Se a perda for, enquanto Deus quiser,
O ganho de que o outro é devedor.

MELANCHOLIA PERENNIS

CINZAS DE PÁSSAROS MORTOS

1

Antes da predição do áugure acender o fogo sobre a terra, e da ágil consanguinidade os tornar rosto de mulher, já eles, nostálgicos dos nove círculos do céu, tinham deixado o grande sono dos mortos para voltar a ser sinal do dia.

2

Quebrado o vínculo, que os unia à inquietude das manhãs, iniciam o canto, que a luz dará à noite; e a natureza, às coisas irreais.

3

Reféns do espelho de água, pelo rumor do sangue escalam o espaço com que a flor do algodoeiro corou de azul os cúmulos do meio-dia.

4

Para que outra fosse a origem, e outro o ardor da febre, que a alma adiantou à lei da gravidade, sobre o umbral fixam o número que, há muito, apagou a idade em uma campa de criança.

5

Agasalhados da altura, descem em círculo ao centro da memória, que o vaso de cinza tornou oferenda, no auge da cegueira.

6

Na clareira, que o verão cercou de bruma, e o sol, de vidros, pelos muros dos quintais, caem as sombras, que a cal cozeu, e a raiz esventrou.

7

Junto à casa de musgo, entre as ruínas, que o sangue-frio precipitou antes da espécie, entre a folhagem celebram a oitava da primavera, que a seiva juntou à floração da romãzeira.

8

Depois da nudez, e do dealbar brumoso dos outeiros, entre as ramagens de prata do olival sereno, com antigos cânticos incineram entranhas à divindade.

9

Com a primeira lua, até ser dia chorou a pobre fiandeira, por ter esquecido já o doce madrigal.

10

Acolhidos pelo feno, que a chuva de verão juntou, à pressa, na laje dos eirados, cerram as pálpebras para que deles se afaste a tempo a mão do predador.

11

Salvo o destino, só a solidão sabe o caminho, que os levará, em bando, à próxima paragem.

12

Pelas referências do ar, escolhem o zimbro, onde despertos, a bico de pena, desnudam o peito às raparigas.

13

Ao pé de azebre, devem o santo; ao lugar a que voltam, a senha para os trilhos de inverno.

14

Um novelinho de penas; e, em baixo, o fuso suturando a chaga.

15

Para onde quer que vão, com eles vai o ponto inalcançável do lançador de dardo.

16

Da roda solar, à terra cai o grão para medida do alqueire.

17

Um por um, de lado nenhum partem, logo acertando o passo na viagem.

18

No ventre da mulher, o olho com pupila de réptil, e o dente de leite de criança.

19

Voltadas para o sul, com o polegar ao alto, as palmas da mão levantam-se a voar.

20

Degrau a degrau, com eles sobem: a armação de veado, em que fizeram ninho, e a cor vermelha da terra a que vieram para morrer.

21

Entre a alva penugem da quilha e o esplendor da cauda, em pleno voo pára – o coração.

323 |

22

A serpente com guizos muda-lhes o nome; a pedra furada, o rumo, antes da queda.

23

Pelo ar fora, levam a urna com eles: nuvens nuvens, em direcção ao Sul.

24

Consagrados a Ceres, colhem o grão de trigo, que a terra tirou ao sol; ao espaço, a protecção civil.

25

Para não se perderem, em forma de peixe regressam ao lugar em que nasceram, seguindo a glaciação e o chamamento das almas.

ESTÂNCIAS
PARA OS CAMINHOS
DA NOITE

I

Pronunciado o nome,
dado o sinal aos remadores
que, desde o alvorecer,
tinham tomado assento na barca
(vigiada pelo sacerdote
com cabeça de chagal)
à luz das tochas, sairá o cortejo,
que levará ao santuário
em que serei julgado,
não longe do olhar
dos queimadores de incenso
e dos porta-estandartes do reino,
onde serei morada.

II

Com o que disse
(que terei dito para que a cerimónia
da abertura da boca
assim me atemorize, atado
aos incómodos da faixa
e preso ao leme?)
saberei, então, se me protegi
ou condenei, com o que disse,
e chegarei ao pórtico.

III

Não te apresses,
pois não é tempo de enaltecer
a divindade no trono
do Grande Castelo, nem de enfrentar
a espada dos que guardam
as portas do templo
de que Apófis, a serpente,
detém a chave, quando o rosto
se vira para Maet.

IV

À vista das areias
do deserto, lenta desliza
a barca funerária lançada ao Nilo
por ordem de Horembeb,
para que nela viajassem a Fénix
e o deus com cabeça de falcão.

V

Sob o toldo da barca sagrada,
segue o vaso das cinzas
em que repousa o que ficou
da existência a que regresso,
para voltar a ser,
como outrora, regenerado deus,
água e fogo, senhor de mim.

VI

Eterno como o dia,
perpétuo como a noite, em Heliópolis
serei esperado para que aí
sob a protecção de Ísis e de Néfthis
me ajustem as plumas
à frente renascida; purificado
o corpo, receba a oferenda
de que me sinto devedor.

VII

Nenhuma fórmula
foi encontrada para expulsar
os Sete Espíritos do Mal
do olho de Seth,
o que ulcerou o rosto de Hórus
com miasmas,
e estabeleceu o campo de batalha,
por Hórus lhe ter arrancado
os testículos, e ter repellido
as coisas pútridas.

VIII

Quando o sol nascente
se erguer sobre o dorso dos leões,
acompanharei o séquito;
e para onde ele for, com ele irei
para nascer de novo,
servir o uso da palavra
e regressar à terra,
que o sangue de Ré purificou,
sem que se veja:
o que o olho queima, quando olha;
o que a boca fere, quando fala.

IX

Para que o ontem
me pertença e seja o amanhã,
aportarei a Abidos,
a ilha dos Justos, com a coroa branca
e a alegria do triunfo,
que o portador da noite
para mim guardou.

X

Porque afastado
me quiseram dos deuses, sobrevivi,
apesar de me escoltarem
até às portas de Heliópolis,
a que em conta tem tudo que existe,
desde que Ísis
sacudiu a cabeleira sobre os túmulos
e Osíris, com seu arco de guerra,
abater o poder das trevas.

SOMBRAS DE REIS MENDIGOS

Ora mostrando um rosto, ora outro, sou o que o nome revelou, e não teve nome, nem tempo, nem lugar. Porque fui tudo o que fui, sou o que por tudo se fez passar, para cumprir o destino, e aprender a dizer não.

Com folhas de hera e azuladas pedrinhas de safira,
à distância adornava, cada noite, a frente de Penélope,
quando a lua, pelos montes calvos da Argólida,
se ia tornando oiro, ou sonho de ninguém.

Sempre que, em Oghígia, se declarava nos braços de Calypso para, no seu leito de rosas, travar sem tréguas nova batalha fingida, não era pois do mar esse rumor de vagas que, de céu a céu, me perseguia, mas a cadência do remo com que, mais tarde, havia de medir: do sol, a altura; do abismo, a sombra do naufrágio.

Confiando a Thelémaco, meu filho, que juntos estivéramos antes da minha partida para Tróia, com os próprios olhos quis ver, Athena, aliás, Mentos, filho de Aquílo, com que desonra me puniu o desfavor dos deuses para que a desvergonha dos pretendentes tomasse a casa de família que, sendo minha, por mim teria de esperar até ao dia em que me for consentido regressar à pátria amada.

Antes de convocar os remadores para a melhor nau, e em demanda partir, a Pílos correu, Telémaco, a interrogar Nestor, e com ele tomar conselho sobre o modo de matar os pretendentes. “Só o que perscruta legitima a ventura que os escolhe.” – disse a Penélope, sem revelar como em Tróia costuma ser negado, ao forasteiro, o dia de retorno.

Levando as mãos ao rosto para ninguém o ver chorar a minha morte, esse conviva de Menelau, esposo de Helena, comoveu, Thelémaco, em Lacedemónia, mesmo sabendo que, no regresso da campanha que, vitoriosamente, em Tróia, nos juntou, com diferentes destinos concorrem, os deuses, sempre que decidem a felicidade dos homens.

Vigiando de perto os passos de Thelémaco, não era a ele que seguia, Pallas Athena, a deusa, de olhos garços, mas a mim, seu pai, que cruel tormento guardei para os que, pretendendo dormir na minha cama, em toda a parte me deram por perdido.

Com doze ânforas de vinho e vinte medidas de cevada em espessos alforjes guardada, providenciou, Euricleya, para que nada faltasse na nau bem dirigida em que Thelémaco, só do Olimpo avistado, havia de indagar que traçado, à expedição em que eu seguia, havia prescrito, o mar Oceano, enquanto Penélope esperava lidando seu tear de sombras.

Como se também filho dele fosse, entre Equefron-
te, Estrácio, Perseu, Aresto, Trasymedes, e Psístrato,
que a Thelémaco, protegeu durante a noite, sentou
Nestor, meu filho, em seu palácio, ordenando que,
por todos os seus, nobres honras lhe fossem presta-
das, iniciando o ritual, depois de Policasthe, a filha
amada, lhe ter dado banho, com azeite sagrado o
ter purificado, ataviando-o como devia para que em
tudo se tornasse, pois, semelhante à divindade.

Depois do morticínio infligido pelos Cícones, e antes de ver comprometido o regresso nessa deriva que à terra dos Lotófagos nos levou, a Ítaca estive prestes a chegar, não estivessem ainda por cumprir as provações finais que, antes do beneplácito, ao estrangeiro, que eu era, destinaram os que, pela humilhação, me viriam a consagrar, de resto, como herói.

Das muralhas da Eólida às enseadas da acolhedora Eeia, por que de mim fui sombra, sem ser visto andei de mar em mar: vitorioso umas vezes, embora tomado como servo; outras, vencido, ainda que eleito dos deuses e dos homens.

Longe da terra a que aportar devia, com a ira dos ventos e o furor dos mares lutei, então, até, de Poseidon, o plano de vingança se cumprir, e Pallas Athena novo favor divino juntar ao que a generosa Ino, filha de Cadmo, colocou no meu caminho para assim escapar à morte que, sob aparência do bonançoso mar, no rochoso promontório, em forma de onda tenebrosa, me aguardava.

Não atendendo à pretensão dos impostores que, sob o auspício da desgraça, de Penélope exigiam que a urdidura infame ditasse a minha sorte, contra o favor de Poseidon, naveguei à dura gleba aprontando a nobre quilha que à minha errância oferecia minha negada pátria.

Porque mais perto de mim ficava a terra, que o mar escondia para lá do horizonte, com tempo instalei o mastro, icei as velas e contra a fúria de Bóreas arrotei com o destino para que o sono de que estava desperto me cerrasse as pálpebras, que o sol e a bruma fatigaram, pelos desfiladeiros da Esquéria, entre a noite e a aurora.

Amarga como a dor, que do meu coração brotava,
era a negra raiz perversa que, para mim, colheu o
prestimoso Hermes, mas alva a flor que, por graça
divina, me levou a resistir a essa lasciva Cyrce, em
cuja embruxada ilha, me não tornei por pouco,
como os demais, cevado imundo.

Junto à lápide a que afixámos o remo com que Elpenor tantas vezes cruzou o rio Oceano, jurei da minha boca fazer túmulo, e nada dizer a Cyrce sobre o que ouvi dos que, tornados sombra, vi vaguar perdidos pela mansão do Hades. Avisado, porém, de que outros padecimentos me estavam reservados, em terra e mar, e para aportar a Ítaca da ajuda dela não poderia prescindir, dos que comigo navegaram me afastei, tudo lhe contando, a sós, não pela ordem que ela esperava ouvir, mas pela que os deuses ignoram e o coração conhece.

Em terra firme, depois do naufrágio com que, pelos areais da Esquíria, me esperavam arrolado, ao desvelo da formosíssima Nausicaa me entregou, Pallas Athena, para a Alcínoo, rei dos Feaces, ser levado, e em seu palácio receber o que tanto não exigia a condição de visitante: de Laodamante e de seus pares, o escárnio; de Arhete, a rainha, a arca que, com o nó de Circe, protegi, antes de tomar rumo e prosseguir viagem.

Entre alterosas vagas avistado, ao leme da nau veloz
contrariei as tempestades, para que o augúrio das
aves se cumprisse e, de Thelémaco, meu filho, falas-
-sem, um dia, os homens por nascer.

A ninguém contei o sonho para voltar a ver raiar o sol, o mesmo sol que tantas vezes vi raiar por entre oliveiras bravas. Tróia ficou para trás. Segundo o oráculo, só auxiliado pelos deuses à porta de cujos santuários ardiam tochas, poderia, através das palavras que não disse, trespassar o coração dos que de mim falaram.

Com a primeira luz, e o mais que dos brumosos arvoredos de Ítaca mal se avista, às vezes, para lá da linha de água, como estrangeiro cheguei, então, à terra onde fui dado por vencido, porque muitos foram os combates e, de perfídia encobertos, os quebrantos do mar.

Do reino dos mortos regressado, das profundezas de Hades me persegue, dia e noite, o fragor dos quatro rios por onde vagueia a sombra dos que, desprovidos dos deuses, ao segredo das trevas confiaram o nome. Tirésyas deu-me vidência; Oceano, demanda.

Do que detém a égide, e as nuvens comanda, aceitou Hermes, por fim, ser mensageiro, antes de convencer Calypso a devolver-me ao mar. Mas quem, de Poseidon, aplacou a vaga colossal foi Pallas Athena que, outra vez por mim, amainou a fúria do que a Terra atormentada faz tremer, a doces praias conduzindo, o naufrago, que a falésia alcantilada acoitou em suas furnas.

Por não haver quem igual marca no disco alcançasse, braço que mais longe no chão cravasse a lança, e o arco manejasse com audácia, é que Alcínoo, em minha honra, convocou para o festim: jovens guerreiros, príncipes e deuses, sem saber que hóspede em seu palácio recebia, ordenando depois, a Demódoco, que interrompesse o canto, de modo a que não avultassem no seu rosto as lágrimas que só ele via.

Perdido dos que, no desencontro de mim, da terra se esqueceram, em Fórcis me protegeu, mais tarde, Pallas Athena, do pavoroso mar, fazendo com que, regressado a Ítaca, antes de Thelémaco deixar Lacedemónia, ninguém no meu palácio, à vista de todos, tal impostor parecesse convidado.

Retendo uma coisa todas as vezes que outra coisa é concedida, com nada me faltaram, os deuses, que para sempre permanecem, quando de Eumeu, o mais fiel porqueiro, com honras divinas, depois da libação, a taça de vinho recebi, e de Mesáulio, o jovem que aos Tháfios comprara, a carne, com que, por fim, nos saciaram.

“Dor e glória partilharam, afinal, homens e deuses que, por terra e mar, vaguearam sem destino!”, considerou o prestável Eumeu, depois de tantas coisas termos dito, em seu casebre, nessa noite, não longe do lugar onde, ao romper da Aurora, não tardaria o desembarcar que de Thelémaco, para planejar a conjura, e cumprir a vingança.

Sob o resplandecente véu com que, junto à coluna, de pubescentes servas rodeada, ante os frívolos pretendentes, pela última vez se deu a ver, o que eles viram não foi um corpo remoçado, que a espera cobriu de sal por areais de ilhas sem nome, mas a sombra diáfana da que, por mim, noites perdeu; e, por mim, em vão noites chorou.

Sem se fazer rogado, a Penélope se dirigiu Teoclímene para, de pronto, confessar que já a salvo, em Ítaca, me encontrava, pois tinha chegado o dia de vingar a injúria e de ocupar meu trono, no palácio cujas torres e pátios, de altas ameias vigiados, com nenhum outro se parecia Ao dar-me conta, porém, de que, para esse fim, por estranho viria a ser tomado, sem condição me dirigi aos pretendentes, obedecendo à ordem de logo à morte dar sustento.

Para que sem cumprimento não ficasse a inexorável punição dos pretendentes, desafiei Eurímaco a lidar a foice com destreza; a gradar direito a terra úbere; a dirigir a lança, antes de o ver precipitar-se, a meio do festim, contra as portas fechadas do palácio. Desagravou-o, Melanto, a sua amante, e a mais protegida de Penélope. Aos olhos de Thelémaco, porém, não quis, Pallas Athena, poupar-me à humilhação, vendo assim correr o sangue fecundo da vitória.

Antes, pois, de no céu alto da ilha despontar, e de, na noite escura, por dia claro se fazer passar, sem mais, a lua cheia, de Penélope esperei que o pranto e a lamentação, enfim, cessassem, para recusar o manto e me eximir do lava-pés, devidos a um estrangeiro, a menos que aquele mendigo que tanto com Ulysses se parecia, de Eurycleia, igual merecimento recolhesse.

“Da primazia e sublimidade que, desde a origem, me foram dados e, então, me pertenceram, nada direi por agora”, desconcordou Penélope, ao dirigir-se aos inquietos pretendentes que, como ela, não supunham estar a falar com quem de rude pedra e ancestral carvalho não nasceram, e ali mesmo, na pele e no andrajo de mendigo, já no palácio se encontrava para reaver o que era seu.

Com ousada presteza, entendeu, Thelémaco, deixar que os pretendentes dessem largas ao desplante, que levou Ctesypo a obsequiar-me com o casco de boi, que sobejou da comezaina a que assistiu Penélope, para que melhor fosse escutado, e nada se perdesse da predição de Theoclímeno.

Presentindo que já ao encontro deles vinha o infortúnio, em nome dos que à mesa do palácio se preparavam para o último banquete, a Eurímaco, e aos convivas, se dirigiu Theoclímeno para que menor fosse a insolência e o desaforo contivessem até a morte os visitar.

Com o arco que, das mãos de Ífito, filho de Éuito, recebi como presente, e que, por inspiração divina, Penélope, guardou a sete chaves, na câmara dos tesouros, todos os orifícios dos machados postos em linha, para testar a perícia dos pretendentes, pela seta de fogo foram passados, à vista dos que, na minha pátria, à mesa do meu palácio sentados, durante tempos sem fim, quiseram que eu morresse.

Ouvida a prece, consentiu, Apolo, que Antínoo fosse o primeiro a ser abatido pela seta assassina com que abri as hostilidades contra os profanadores, de nada os protegendo o desengano com que a depreção, cretina, os dera por incautos. Antes mesmo da lança de Thelémaco fazer jorrar o sangue de Antínoo, já o combalido Eurímaco sucumbia, à medida que o retesado arco a aljava esvaziava e a ira, por completo se ia abatendo sobre os que, estando eu de Ítaca ausente, meu nome e probidade de ignomínia, de si senhores, deveras macularam.

Feita a ablução da sala; desinfectado o ar interior das dependências com enxofre; recolhida a imundície, que o sangue derramado espalhou pelo ladrilho dos pátios, e de náusea impregnou tectos e paredes, a Eurycleia confiei a missão de tranquilizar Penélope, antes da ruína perturbar o claro entendimento, que o meu regresso aconselhava ao menos exigente dos mortais.

Vingado o desatino sobre os que, entre si, meu tálamo, e posses, disputaram, e em seu proveito com ostentação a escombros reduziram o que era meu, para mais nada serviu quanto disse a Penélope, e dela ouvi, logo que a tocha de Eurínome se apagou, e entre as paredes do palácio, até ao amanhecer, de sombra se imobilizou exuberante nau.

A coberto da noite, e com Thelémaco, Eumeu e o boieiro por escolta, a casa de Laertes, meu pai, me dirigi para que já fora dos muros da cidade, ninguém me pudesse ver chorar sua velhice, e pobre dor.

Quando verifiquei que a todos, e por igual, tinha tirado a vida, só da cabeça de Lyodes guardava já memória não a tivesse eu visto rolar pelo pavimento com algo ainda para dizer para lá da morte que, por entre os borbotões de sangue, lhe roubou o olhar.

Tomando a peito o que ainda havia para cumprir, de Zeus chegou, por fim, a intercessão que Laertes, filho de Arcésyo, meu avô, a conselho de Pallas Athena, pediu devotamente em nome do que, para Thelémaco, e para mim, seu pai, de ignomínia e maldição nos desonraria para sempre.

ÍNDICE

A IDADE DO FOGO [1980]

- 15 A idade do fogo
- 23 O sacrifício do cavalo

PRONTUÁRIO DO CORPO [1980-2020]

- 31 Preclaro fogo
- 33 Prontuário do corpo
- 35 Habitado mármore
- 37 Arte de música
- 39 Os sinais da terra

A PAIXÃO DAS ARMAS [1983]

- 43 O coveiro
- 44 Ver de boi
- 45 Cantiga velha
- 46 O que se aparenta ao pó
- 48 Vosso conselho peço
- 50 Ao ouvido do muro
- 52 Serviço de véspera(s)
- 54 Ex-votos
- 56 O capelão
- 57 A ronda
- 58 Da sífilis
- 59 *Cumpleaños*
- 60 ABC das operações
- 61 O processo
- 62 Grafanil
- 63 Guia de marcha
- 64 Cinema Império
- 65 A comissão liquidatária
- 66 Adidos

OS SINAIS DA TERRA [1984]

- 73 As próximas distâncias
- 81 Aurum
- 85 Os sinais da terra
- 96 Poética

PEDRA DE TRANSE [1984]

- 101 Arte poética
- 103 Fulgurações
- 115 Pedra de transe

AS SEQUÊNCIAS DE PÉGASO [1990]

- 131 Deserções
As sequências de Pégaso
- 134 Endymion
- 135 Heraclito
- 136 Hieronymus Bosh
- 137 Van Gogh
- 138 Albrecht Dürer
- 139 Friedrich Hölderlin
- 140 Wera O. Knoop
- 141 Rainer M. Rilke
- 142 Odysseus
- 143 George Trakl
- 144 Antonin Artaud
- 145 Bela Bartók
- 146 Yokio Mishima
- 147 Deméther
- 148 Jorge Luis Borges
- 149 Clarice Lispector
- 150 As profanações

A ADIVINHAÇÃO PELA ÁGUA [1990]

- 155 Arte poética
- 156 A adivinhação pela água
- 162 Os livros

O CAMINHO DA SERPENTE [1993]

- 165 Poeiras
- 166 O caminho da serpente

CIDADE IRREAL E OUTROS POEMAS [1993]

- 179 Arte poética
- 180 Cidade irreal
- 185 Primeiras lamentações
- 189 Os números

NÃO É MEU QUANTO ESCREVO [1996]

- 195 Fernando Assis Pacheco
in memoriam

O CÃO QUE FUMA [1999]

- 205 O cão que fuma

O VOO DA SERPENTE [2001]

- 219 Arte poética
- 221 O voo da serpente
- 226 A ilha de jade
- 230 Tema do amor risonho
- 232 Efigies

CRESCENTE BRANCO [2004]

LUA NOVA

- 239 Vem dos confins do mar, ser voz diversa
240 De ter esperado a luz por que morria
241 Lançou, o sementeiro, com rasa mão
242 Para desagravo de amor imerecido
243 De rio a monte, em fogoso passo
244 Noites a fio teceu luas, vagas
245 Por nada ter de seu, e nada querer
246 Com a crina em chama, bárbaros, altivos
247 No enlevo vago, e frio de Inverno
248 *O sol he grande, caem co a calma as aves*
249 Despertam com a sombra, e logo arrastam

LUA CHEIA

- 250 Esquecida que já morta ainda sorria
251 Quem algum dia o viu passar sem pressa
252 Quis a deriva que o rumo fosse ao jeito
253 Quebra-se como onda na amurada
254 Deram-se ao largo as naus, e o vasto oceano
255 Pela ilha leda em que fatal nasceu
256 Frente ao mar, imóvel, que ao fundo anoitece
257 *De tanto que nos pode acontecer*
258 Com a mais ligeira sombra da floresta
259 Caiu a noite agreste, e a lua cheia
260 *Muito merece, muito vos mereço*

QUARTO CRESCENTE

- 261 Se tudo está em tudo desde a origem
262 Corta, a garça, a montante, o som cavado
263 *Mostrai-vos, claras agoas, tão sentidas*
264 Depois de regressada sem se ver
265 Trocaram-me, os enganos, o caminho
266 Ainda não é noite, e já pelas ruas
267 *Se eu pudesse saber o que em mim vai*
268 De que outro amor, então, amor, me falas
269 Quando, no céu, por fim, o luar de prata
270 Vai de partida, com pluma e colares
271 A braço austero vão, os remadores

QUARTO MINGUANTE

- 272 Ela é a que passa a caminho do rio
273 *O tempo lhes deu nome d'esquecidas*
274 Da terra teve a luz, e a noite, e o dia
275 Pelas ruínas do eremitério abandonado
276 Expôs, Inês, o triste coração
277 A Aónio trouxe, a rede, por engano
278 *Aquellas esperanças q eu, metido*
279 Quatro luas passaram sem que a dor
280 Por mais vil que da hiena o riso exorte
281 Tudo então passou sem que a alegria
282 *A quem não fará crer qu'he tu do hu vento*

ARTE DE PERDER [2005]

A CASA BRANCA

- 285 Na terra onde só agora principia
286 À luz da casa, fixa, o gravador
287 Com um arco de pêlo de cavalo
288 Caminham de olhos fixos na paisagem
289 Na esteira dessa quimérica viagem
290 Juram amor, por certo, os olhos castos
291 Todo o lance é fortuito, quando não
292 Do assombro com que, então, em movimento
293 Como águas derramadas que na terra
294 *Vergine madre, figlia del tuo figlio*
295 Dos que, em Patmos, tiveram a visão
296 De todos, apenas um seria, então
297 *El tiempo paffa en vano, ha hecho afsiento*
298 Na hora da jogada, cortam, certos
299 Três coisas, digo, quatro, sabe ver

NAU PRETA

- 300 Que a luz não seja treva; a voz, ausência
301 No estádio entram nus, determinados
302 Do seio da volúpia tirou, Sócrates, o mestre
303 Contra o céu curvo, espia o falcoeiro
304 Da arena sai em ombros, festejado
305 Porque nada parece, querer dizer
306 Depois de a fria espada erguer, cruel

307 Nada disseram os que se condoeram
308 Enquanto no olhar declina o que ficou
309 A nada obedece, é rei; como os demais
310 No chão escabroso, e raso, da floresta
311 De luto, posam, já mortas, as regentes
312 Barqueiro de outro rio; indesejado
313 Por ocasião do fim, virá o vento
314 No jogo até à morte disputado

MELANCHOLIA PERENNIS [2007]

317 Cinzas de pássaros mortos
325 Estâncias para os caminhos da noite

SOMBRA DE REIS MENDIGOS [2008]

337 Ora mostrando um rosto, ora outro
338 Com folhas de hera e azuladas pedrinhas
339 Sempre que, em Oghígia
340 Confiando a Thelémaco, meu filho
341 Antes de convocar os remadores
342 Levando as mãos ao rosto
343 Vigiando de perto os passos
344 Com doze ânforas de vinho
345 Como se também filho dele fosse
346 Depois do morticínio
347 Das muralhas da Eólia às enseadas
348 Longe da terra a que aportar devia
349 Não atendendo à pretensão
350 Porque mais perto de mim ficava
351 Amarga como a dor
352 Junto à lápide a que afixamos
353 Em terra firme, depois
354 Entre alterosas vagas avistado
355 A ninguém contei o sonho
356 Com a primeira luz
357 Do reino dos mortos regressado
358 Do que detém a égide

359 Por não haver quem
360 Perdido dos que no desencontro
361 Retendo uma coisa todas
362 Dor e glória partilham
363 Sob o resplandecente véu
364 Sem se fazer rogado
365 Para que sem cumprimento
366 Antes, pois, de no céu alto
367 Da primazia e sublimidade
368 Com ousada presteza
369 Pressinto que já
370 Com o arco que das mãos de Ífito
371 Ouvida a prece, consentiu Apolo
372 Feita a ablução da sala
373 Vingado o desatino
374 A coberto da noite
375 Quando verifiquei que, a todos
376 Tomando a peito o que ainda

